

FOTOLIBRAS

Realização

FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

Apoio

GEMA – Grupo de Educação e Mudança pela Arte

Organização e Coordenação

André Luiz, Eduardo Queiroga, Mateus Sá, Rachel Ellis, Tatiana Martins, Vlândia Lima

Projeto selecionado pelo Programa Petrobras Cultural

FOTOLIBRAS

Fotografia Participativa com Surdos

Aumentando a expressão, criatividade e autoestima de jovens surdos e promovendo a cultura surda e a inclusão.

Realização



Patrocínio



Ministério
da Cultura



FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – PE

Diretoria: Patrícia Cardoso, Regilene Soares Dias

GEMA – Grupo de Educação e Mudança pela Arte

Eduardo Queiroga, Mateus Sá, Rachel Ellis e Vlândia Lima

Coordenação Geral

Rachel Ellis

Textos

Anna Rosa Villar Azra, André Luiz de Souza, Creuza Santana, Eduardo Queiroga, Heloisa Bezerra, Mateus Sá, Rachel Ellis, Tatiana Martins e Vlândia Lima

Intérpretes de Libras

Creuza Santana da Silva e Emanuel Carlos Siqueira dos Santos

Assessoria de Comunicação

Heloisa Bezerra

Auxiliar de Administração

Hélio Neto

Colaboração e Comentários

Anna Rosa Azra Vilar, Carla Maldonado, Gabriel Mascaro, Luiz Santos, Marco Bonachela, Miguel Chikaoka, Patrícia Cardoso, Regilene Soares Dias, Renata do Amaral e Ricardo Peixoto

Idealização do projeto FotoLibras

Rachel Ellis, Eduardo Queiroga, Hélio Neto, Mateus Sá, Robson Luiz e Vlândia Lima

Projeto Gráfico

GRUPO PAÉS

Ilustrações

Beto França e Andre Luiz de Souza

Revisão

Cristiane Abreu

Impressão

FacForm

DVD FotoLibras

Gambarra Imagens e Tilovita Produções

Aos alunos do FotoLibras, com os quais aprendemos a revalorizar a comunicação, a diversidade e a capacidade transformadora da fotografia.

Recife, 2009.

SUMÁRIO

Apresentação 11

Sobre o Guia FotoLibras 15

PARTE 1 – Introdução

Fotografia participativa **21**

Educação, arte e fotografia **27**

Panorama dos surdos: educação, cultura e família **31**

História e motivações do Projeto FotoLibras **35**

Principais resultados do Projeto FotoLibras **39**

PARTE 2 – Elaborando um projeto

Pessoas envolvidas **47**

Formatação do projeto **55**

Captação de recursos e orçamento **63**

Monitoramento e avaliação **69**

Administração do projeto **75**

PARTE 3 – Implementando um projeto

Desenhando um plano para o curso **83**

Metodologias e educação com surdos **89**

Curso na prática **95**

Monitoramento e avaliação na sala de aula **117**

Divulgação e comunicação **121**

Multiplicadores **125**

Encerramento e continuidade **129**

Anexos

1 – Mais recursos para elaborar projetos **135**

2 – Mais dinâmicas **145**

3 – Contatos **151**

4 – Bibliografia **159**

Glossário de termos técnicos de fotografia em Libras



"Espero que o guia sirva para estimular discussões e que outros grupos façam projetos como o FotoLibras. Não basta ser só em Recife, mas em todo o Brasil. Quando eu fiz o curso, minha autoestima melhorou bastante. Hoje, fico muito emocionado em ensinar aquilo que eu aprendi para outras pessoas. O surdo tem uma comunicação visual e, através da fotografia, pode se comunicar com ouvintes. Através do FotoLibras, os surdos são incentivados a se desenvolverem. Nós mudamos nosso comportamento, vemos que somos capazes."

Andre Luiz Lemos da Souza, surdo, 23 anos,
aluno da primeira turma do FotoLibras e atual coordenador



APRESENTAÇÃO

O Guia FotoLibras é resultado de um trabalho que envolveu muitas mãos. Não apenas por sermos vários autores, mas principalmente, pelas mãos que participaram dos cursos e oficinas, que fotografaram, que apontaram novos rumos e sem as quais não teria sido possível realizar este livro. Umas mais energéticas, outras mais discretas, mas sempre participativas e, acima de tudo, comunicativas.

A elaboração deste Guia foi uma importante experiência de integração entre surdos e ouvintes. Trabalhamos juntos em busca do mesmo objetivo, aprendemos a valorizar as diferenças e quebramos barreiras de comunicação. Essa parceria resultou num crescimento e enriquecimento individual e coletivo que foi muito além de nossas expectativas.

O projeto FotoLibras surgiu com a ideia de criar possibilidades para surdos utilizarem a fotografia como ferramenta de expressão e comunicação. Desde 2007, o projeto vem se fortalecendo através de uma importante parceria entre os surdos da primeira turma do FotoLibras, que hoje são multiplicadores e coordenadores do projeto, e os fotógrafos ouvintes que atuam como educadores e mentores desses jovens fotógrafos/educadores. Agora, estamos lançando um material que apoiará outras pessoas que desejem realizar iniciativas de fotografia com surdos.

No Brasil, há cerca de 5.750.809 (IBGE/2000) surdos, cuja língua, Libras (Língua Brasileira de Sinais), é uma língua oficial brasileira. A Libras é totalmente visual e ao mesmo tempo pouco vista, pouco conhecida. As mãos e

os olhos são os principais atores neste processo, assim como na fotografia, que, por sua vez, pode ser igualmente produzida e contemplada por surdos e ouvintes, em igualdade de condições.

Através da fotografia, podemos dar visibilidade às nossas ideias, exercitar nossa criatividade e comunicar nossos desejos. Também podemos nos fazer ouvir por meio das imagens ou simplesmente nos fazer entender. O fazer fotográfico pode criar ou ampliar o diálogo com nossos familiares, nossos vizinhos ou nossos governantes. A fotografia, como ferramenta de transformação, é um universo riquíssimo a ser explorado.

Além disso, cada pessoa tem um olhar diferente, fotografa e se comunica de forma diferente. Essas diferenças estão ligadas às suas experiências, à sua formação, à sua sensibilidade, à sua bagagem pessoal. Portanto, estimular a produção de imagens fotográficas, por grupos que historicamente não tiveram acesso a essa ferramenta, enriquece a produção de bens culturais, tornando-a mais democrática, mais diversificada, mais rica.

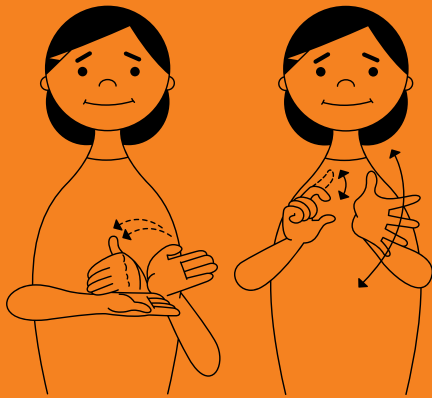
Com este Guia, queremos compartilhar um pouco da trajetória do projeto FotoLibras. Esperamos que outros fotógrafos e educadores, ouvintes ou surdos, tenham acesso a este material e que o Guia sirva de estímulo para que mais pessoas possam transformar suas ideias e seus sonhos em realidade.

Queremos agradecer a cada pessoa que esteve conosco durante a nossa caminhada. Seria impossível colocar o nome de todas aqui, mas suas contribuições não serão esquecidas. Um agradecimento especial vai para os alunos e multiplicadores da primeira turma do FotoLibras; para os educadores, de cujas ideias, dinâmicas e exercícios nos apropriamos ao longo dos últimos dois anos e que fizeram comentários importantes no texto e conteúdo do Guia: Anna Rosa Azra Vilar, Luiz Santos, Miguel Chikaoka e Ricardo Peixoto; para Patrícia e Antônio Cardoso, da Feneis; Hélio Neto e Robson Luiz, os primeiros coordenadores surdos do projeto, que participaram desde a concepção do FotoLibras; para o PhotoVoice e Deaf Child Worldwide que acreditaram na ideia do FotoLibras quando era apenas um sonho. Sem essas pessoas esse sonho não teria sido possível.

Equipe FotoLibras

André, Eduardo, Heloisa, Mateus, Rachel, Tatiana e Vlândia.





SOBRE O GUIA FOTOLIBRAS

“A imagem tem um poder transformador. Se, por exemplo, eu vejo uma pessoa pobre e eu tiro uma foto dela para retratar a pobreza ou a fome, eu posso revelar coisas que eu vejo e que, de repente, outras pessoas não percebem. Eu também posso usar essa foto para chamar a atenção para temas importantes, que são deixados de lado pelos órgãos do governo. Então, nós podemos nos comunicar através da fotografia. A fotografia pode ser um objeto transformador na vida das pessoas.”

Tatiana Martins, aluna do primeiro curso do FotoLibras,
multiplicadora e atual coordenadora

O Guia sistematiza a experiência do primeiro curso FotoLibras, realizado em 2007, e subsequentes trabalhos com os multiplicadores do projeto. Também trata dos impactos do projeto e traz reflexões sobre metodologias, atividades pedagógicas e dicas sobre como elaborar projetos. O objetivo do Guia é socializar a experiência do FotoLibras e estimular o surgimento de novas iniciativas de fotografia para surdos. É uma resposta aos muitos pedidos por informações sobre o projeto, vindos de vários lugares do país, tanto de ouvintes quanto de surdos.

O DVD que acompanha este Guia traduz muitos dos conteúdos em Libras e traz registros de oficinas, cursos e depoimentos de alunos, facilitando e ampliando o acesso dos surdos às informações contidas nesta publicação e ilustrando o projeto na prática.

A criação deste Guia envolveu oficinas e capacitações com participação dos multiplicadores do projeto FotoLibras e convidados das áreas de arte-educação, educação para surdos e fotografia. As atividades ocorreram em Recife, na Feneis – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - entre os meses de agosto de 2008 e fevereiro de 2009.

Uma versão eletrônica do Guia está disponível gratuitamente no site do Projeto FotoLibras: www.fotolibras.org.

COMO USAR O GUIA

A melhor maneira de se apropriar do conteúdo deste guia é entendê-lo como um livro de apoio, um possível caminho, que pode estimular ideias e promover reflexões sobre seu trabalho como educador, multiplicador e/ou fotógrafo. Sugerimos que procure perceber as dinâmicas de cada contexto e realidade, adaptando as ideias e exercícios apresentados aqui de forma que respondam às necessidades específicas de cada grupo e local.

O Guia está dividido em seis partes:

Parte 1 – Introdução

Apresenta o conceito de fotografia participativa, fala do que entendemos sobre o papel da arte e da fotografia na educação, contextualiza a situação atual da comunidade surda no Brasil e relata a história e a filosofia do FotoLibras.

Parte 2 – Elaborando um projeto

Apresenta dicas e explicações para a elaboração, formatação e administração de um projeto, além da captação de recursos e trabalho em equipe.

Parte 3 – Implementando um projeto

Apresenta sugestões para a implementação de um curso ou oficina de fotografia, incluindo metodologias, planejamento de aulas e exemplos de exercícios.

Anexos

Incluem mais recursos para elaboração de projetos, mais atividades, listas de contatos e bibliografia.

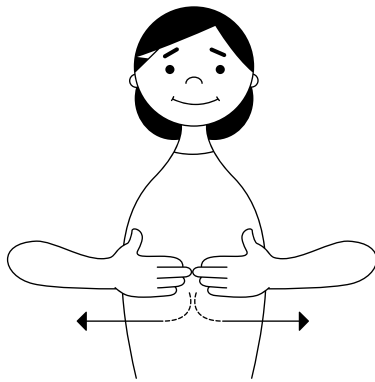
Glossário

Apresenta uma lista de termos fotográficos em Libras.

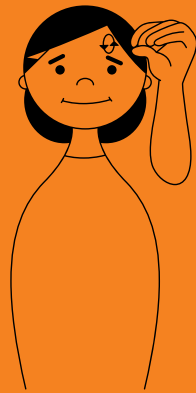
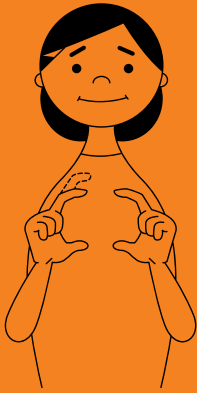
DVD FotoLibras

Conteúdos do Guia em Libras, registros de aulas e depoimentos de alunos.





1 INTRODUÇÃO



FOTOGRAFIA PARTICIPATIVA

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

Paulo Freire, *Pedagogia da Autonomia*, p. 47

O conceito de ‘*fotografia participativa*’ vem sendo trabalhado por diversas entidades no mundo, sendo uma delas o PhotoVoice (www.photovoice.org). Embora a fotografia seja uma atividade participativa por natureza, a fotografia participativa objetiva utilizar a linguagem fotográfica como uma ferramenta para promover a “voz” de pessoas e grupos, capacitando-os com habilidades para documentar e divulgar suas próprias ideias e percepções sobre o mundo.

“Voz” é uma metáfora para descrever o poder que uma pessoa tem para comunicar suas ideias, para dialogar e para participar de decisões políticas, sociais e culturais que afetam sua vida. Em projetos de fotografia participativa, o ato de fotografar e a leitura e divulgação das fotos produzidas servem como uma maneira de as pessoas se colocarem, dialogarem e se comunicarem com o mundo ao seu redor, sejam seus familiares, suas comunidades, seus líderes ou a sociedade de uma forma geral. O processo de criação e divulgação das fotografias é uma importante oportunidade de empoderamento de grupos que têm pouco ou nenhum acesso aos meios de comunicação.

No caso do FotoLibras, o termo fotografia participativa foi adotado pela equipe a partir do contato com o PhotoVoice, que colaborou com a primeira proposta do projeto, e o desejo de seguir uma metodologia parecida.

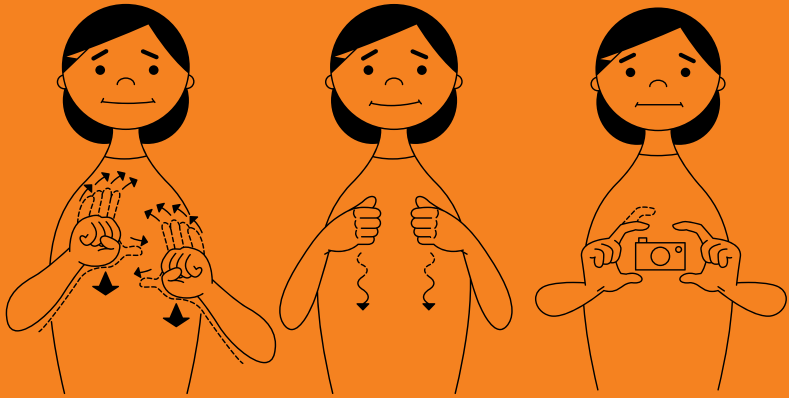
O formato e as metodologias usadas na área de fotografia participativa são diversos, sem que haja necessariamente consenso sobre eles. Contudo,

existem certos princípios gerais que guiam os projetos, sendo o mais importante empoderar os participantes a partir de ferramentas de comunicação (fotografia, audiovisual, rádio etc). No site do PhotoVoice (www.photovoice.org/html/projects/forumprojects/), há outros exemplos de trabalhos com fotografia participativa.





KAROLINE ANNE
SESC PIEDADE, JABOATÃO DOS GUARARAPES-PE



EDUCAÇÃO, ARTE E FOTOGRAFIA

“Através da arte, esperamos ampliar o movimento do qual artistas se apropriam do educar e educadores despertam o criar. A consciência da alma aponta para o belo de si mesmo e do meio em que vive – então a arte desperta o cidadão e a educação revela o artista.”

Anna Rosa Azra Vilar, arte-educadora

QUAL É O PAPEL DA ARTE NA EDUCAÇÃO?

O ensino da arte na educação tem uma história própria no mundo e no Brasil, na qual permeiam alguns conflitos entre o saber, o fazer, os conteúdos, os espaços, as metodologias e os profissionais. Os conflitos surgem de diferenças históricas, sociais e culturais de cada lugar. Alguns projetos utilizam a arte como veículo de desenvolvimento do ser, através do qual se adquire consciência de si mesmo e de sua cidadania. Outros investem na formação do artista, tendo em vista a arte como linguagem própria e experiência estética. Acreditamos que as duas propostas são importantes e podem ser trabalhadas juntas.

Podemos entender a contribuição de ideias artísticas à educação da seguinte forma: a arte é a manifestação de um mundo interno e deve estar contida em cada pensamento ou ação do educador e do aluno, desde que sejam removidas as camadas de uma prática de ensino rígida e padronizada. É preciso abrir espaço para uma formação baseada em valores humanos, ao mesmo tempo em que se discutem conceitos, práticas e resultados artísticos. Estas oportunidades educativas complementares são ainda mais importantes quando tratamos de grupos que estão excluídos do sistema educacional formal por ineficiência desse mesmo sistema.



A FOTOGRAFIA NA EDUCAÇÃO E SEU PODER TRANSFORMADOR

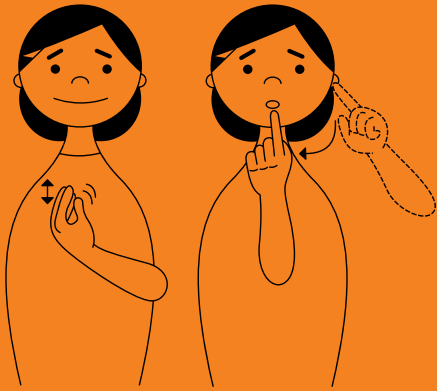
Durante mais de cem anos, a fotografia tem sido usada para as mais diversas finalidades, seja na comunicação, nas artes ou nas ciências. Temos contato com uma infinidade de imagens diariamente, uma quantidade tão grande que muitas vezes nem nos damos conta da sua importância e do seu poder para transmitir emoções, sentimentos ou informações. Somos, em grande parte, “analfabetos visuais”. Assimilamos as imagens de maneira muito superficial e não aproveitamos esse enorme potencial gerador de transformações que a fotografia possui.

A fotografia, como meio e como fim, pode ser utilizada por educadores para estimular o olhar, a percepção e os conhecimentos a partir da leitura das imagens ao seu redor e da criação de novas imagens. Como meio, é uma linguagem que revela o sujeito através do seu olhar. Em cada fotografia, um indivíduo seleciona, compõe e imprime fragmentos de uma realidade, que pode nos revelar um pouco do universo coletivo e individual, educando-nos sobre nós mesmos e sobre o mundo. A imagem começa no olhar de quem a seleciona e continua comunicando e informando quem para para contemplá-la.

A relação entre arte, educação e fotografia é muito rica e existem inúmeros recortes e análises que podem ser construídos sobre esta temática. Apresentamos aqui apenas algumas das reflexões importantes ao pensamento coletivo do FotoLibras e que influenciam nossas práticas na sala de aula.

*“A magia da fotografia está na sua simplicidade...
na possibilidade de (re)descobrir os sentidos... novas sensações... outras emoções...
Instrumento de transformação... evolução.
Alquimia dos sonhos (ir)reais de cada dia. Ver o mundo com olhos novos.
Diálogo... forma concreta-abstrata.
Expressão do verbo-olhar. Linguagem de comunicação.
Movimento permanente da nossa memória.
Infinito tempo... cronista da história. Existência.”*

Ricardo Peixoto, fotógrafo e fotoativista



PANORAMA DOS SURDOS: EDUCAÇÃO, CULTURA E FAMÍLIA

“É claro que os surdos também querem se desenvolver, mas, para isso, precisamos ter acesso a uma educação de qualidade. Hoje, uma criança ouvinte se desenvolve com mais facilidade que uma criança surda, porque os professores não estão acostumados a trabalhar com surdos. As pessoas pensam ‘ah, ele é surdo, ele é assim mesmo’. Mas todos precisam perceber que nós somos iguais. Temos que lutar por uma educação de qualidade para os surdos!”

Tatiana Martins, aluna do primeiro curso do FotoLibras,
multiplicadora e atual coordenadora

Conforme o censo de 2000, 14,9% da população brasileira têm algum tipo de deficiência. Desse grupo, 16,7% (aproximadamente 5.750.809 pessoas) têm uma deficiência auditiva, com um número maior de surdos nas regiões de índice de desenvolvimento humano mais baixo, devido às ligações entre a deficiência e o índice de pobreza. No estado de Pernambuco, há em torno de 329.845 surdos e, em Recife, cerca de 40.158.

Em 2002, foi promulgada a Lei nº 10.436, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais - Libras - como uma língua oficial do Brasil. Três anos depois, o Decreto nº 5.626, que regulamenta essa lei, tratou da garantia do direito à educação e à comunicação através da língua de sinais. Tanto a lei quanto o decreto representaram grandes conquistas para a comunidade surda. Na prática, no entanto, ainda são muitas as dificuldades enfrentadas pelos surdos no dia a dia.

A ausência de intérpretes em bancos, hospitais, delegacias e demais repartições públicas e privadas dificulta bastante o acesso dos surdos a esses serviços. Essa falta aliada às dificuldades da maioria dos surdos em compreender o português escrito caracterizam dois grandes problemas a serem enfrentados pela comunidade surda diariamente.

“Eu acho que, no Brasil, os surdos ainda enfrentam muitas dificuldades. Faltam intérpretes na área de educação, no trabalho, nas empresas. Precisamos batalhar bastante para melhorar a situação em que vivemos. Temos que lutar para conseguir intérpretes em locais públicos, consultórios médicos, bancos, delegacias, pois quando os surdos vão a algum desses locais, eles têm muitos problemas para se comunicar.”

André Luis de Souza, multiplicador e atual coordenador

A dificuldade na comunicação e na leitura de textos está diretamente ligada à educação. A má qualidade do ensino e a falta de professores capacitados em metodologias adequadas para o ensino de surdos contribuem para que seja mais difícil para pessoas surdas aprender a ler e a escrever em português. Por isso, geralmente, os surdos estão atrasados na escola e sua faixa etária não corresponde à da turma onde eles estudam.

Historicamente, professores tentaram oralizar os surdos, mas não obtiveram sucesso, pois naturalmente os surdos se adaptam melhor à língua de sinais. É importante, então, estimular o aprendizado e a utilização de Libras, antes de aprender português. É preciso entender que o processo de aprendizagem e cognição dos surdos é diferente do processo dos ouvintes, pois a percepção deles é visual-espacial.

A primeira língua, a língua materna, dos surdos é a Libras. O português é aprendido como uma segunda língua. Normalmente, vemos professores ouvintes ensinando a alunos surdos, sem conhecimento de Libras. Se o professor também fosse surdo certamente o aluno teria mais facilidade para aprender e se desenvolver. A comunicação entre professor e aluno seria direta, em Libras, e o professor poderia incentivar o aluno a ir buscar sua identidade, a se relacionar com outros surdos.

Em relação à família, mais uma vez, a comunicação aparece como a maior barreira a ser ultrapassada. É crucial que a família aprenda a se comunicar com o seu filho surdo através da língua de sinais. Dessa forma, é mais fácil haver uma comunicação e uma identificação entre pais e filhos. Sem essa comunicação, é mais provável que os jovens surdos sejam marginalizados, apresentem baixa autoestima e não se sintam estimulados para se desenvolver. Essa situação piora ainda mais se eles não têm contato com outros surdos.

É importante que os pais se envolvam nas atividades dos filhos, frequentemente

as associações de surdos, integrem-se na comunidade surda de uma forma geral. Se os pais não puderem participar, eles devem, então, incentivar os filhos a ocuparem esses espaços, pois o objetivo das associações é contribuir para o desenvolvimento dos surdos e da comunidade surda como um todo. O objetivo do FotoLibras é semelhante ao das associações no sentido de que pretende estimular o desenvolvimento da comunidade surda. O FotoLibras estimula os surdos a encararem a fotografia como uma forma de expressão e desenvolvimento pessoal e profissional.

“A comunicação é bastante complicada quando há um surdo em uma família de ouvintes. Normalmente, os pais não estão acostumados a conviver com surdos, é o primeiro contato deles com um surdo. Por isso, a dificuldade para se comunicar é muito grande. Às vezes, eu quero falar alguma coisa com a minha família, mas eles não têm interesse ou não entendem o que eu estou querendo dizer. É preciso que a família tenha uma boa comunicação com os seus filhos surdos, que aprenda mais sobre a surdez, para poder fazer parte da vida do filho, incentivá-lo.”

Alysson, participante da oficina panorama dos surdos

Ao longo do projeto FotoLibras, percebemos que houve grandes avanços na comunicação dos surdos com a família. Antes, alguns pais de alunos do projeto tinham dificuldade em lidar com os filhos surdos, mas hoje em dia há um maior número de familiares interessados em aprender Libras e em entender a cultura surda. As famílias têm percebido uma melhora no desenvolvimento de seus filhos e, como consequência, vêm acreditando mais na capacidade deles. Acreditamos que a atual situação ainda está longe do que consideramos ideal, seja em termos de comunicação, de educação ou de relacionamento com a família. Já podemos, porém, enxergar um futuro bem melhor.

* Esse texto foi elaborado por Tatiana Martins e André Luiz, coordenadores surdos do FotoLibras, tendo como base as informações levantadas na Oficina Panorama dos Surdos, realizada no dia 10 de novembro de 2008, em Recife.



A HISTÓRIA E AS MOTIVAÇÕES DO PROJETO FOTOLIBRAS

“No início, eu achava que o FotoLibras não era algo necessário para mim. Depois, eu tive vontade de aprender. Ajudaram-me muito no FotoLibras, eu aprendi várias coisas. Durante os seis meses do curso, adquiri experiência, evoluí como fotógrafo. Hoje, sinto-me feliz e quero fotografar mais. Quando as pessoas ouvem falar do FotoLibras, elas ficam bastante satisfeitas, pois veem que os surdos estão participando e trabalhando ativamente. Eu espero que essa iniciativa se espalhe por todo o Brasil.”

Gutenberg Laurindo de Oliveira, aluno e multiplicador

O FotoLibras é um projeto inédito no Brasil que tem por objetivo aumentar a criatividade, autoestima e visibilidade de jovens surdos por meio da fotografia. O projeto foi elaborado em 2006, depois de um contato entre fotógrafos profissionais do Recife, uma cientista social e a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (Feneis).

A motivação inicial foi o desejo de criar oportunidades para a comunidade surda participar de projetos de fotografia e se expressar a partir da criação de imagens fotográficas. Identificamos que a imagem, como um meio de comunicação e expressão, tem uma relevância especial para os surdos, pois o ato de fotografar e de realizar a leitura da imagem não dependem de conhecimento de nenhuma língua falada ou escrita. A fotografia é uma forma de expressão visual, assim como a Libras, e pode servir como meio de comunicação entre pessoas que sabem e que não sabem Libras. Nesse ponto, é importante ressaltar que reconhecemos que a fotografia não é uma língua independente das formas de comunicação elaboradas pelo ser humano ao longo da história. A fotografia depende sim, e muito, das demais línguas em todas suas formas: escritas, faladas e sinalizadas, pois estas são partes constituintes das culturas nas quais estamos inseridos. No ato de fotografar, criamos imagens que estão ligadas a nossa cultura, língua, experiência, formação e criatividade.



POR QUE “FOTOLIBRAS”?

O meio de comunicação dos jovens surdos que fazem parte do projeto é a Libras, uma língua pouco conhecida no Brasil. Numa tentativa de promover a cultura e o olhar de pessoas surdas e dar uma oportunidade para elas se comunicarem através da fotografia, surgiu o nome FotoLibras.

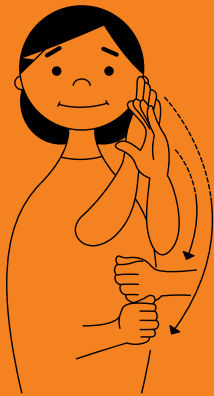
A comunidade surda tem uma cultura diferenciada e sua forma de se comunicar, de ver o mundo e de realizar manifestações culturais é, muitas vezes, distinta da realidade dos ouvintes. A cultura surda é sistematicamente escondida, quando, na verdade, deveria ser valorizada como parte integrante da cultura brasileira. Viabilizar projetos de fotografia participativa com surdos possibilita consolidar uma construção social e educacional em que eles passam a participar na elaboração do próprio discurso cultural. A fotografia se torna uma forte aliada na busca de promover a comunidade surda e os diversos olhares de pessoas surdas.

Em fevereiro de 2007, com patrocínio da organização Deaf Child Worldwide (www.deafchildworldwide.org) e da Fundação Abilis (www.abilis.fi), realizamos o primeiro curso de fotografia participativa com surdos no Brasil, que capacitou 25 jovens surdos. O projeto envolveu a criação e a análise de imagens fotográficas, oficinas sobre áreas temáticas referentes aos direitos e à cultura da comunidade surda e a elaboração de ensaios fotográficos relacionados a temas abordados durante o curso e a outras áreas de interesse. As fotos dos participantes foram exibidas em exposições realizadas em ruas e locais públicos (“varais”), em projeções durante eventos de fotografia e através no site do projeto.

No final do curso, dez participantes passaram por uma capacitação para serem multiplicadores do projeto. O treinamento trouxe reflexões sobre o que é ser um multiplicador e sobre como elaborar ações e projetos de fotografia com surdos. Desde então, o FotoLibras vem realizando palestras e oficinas de fotografia ministradas pelos multiplicadores, divulgando o trabalho fotográfico dos alunos e elaborando futuros projetos.

MOTIVAÇÕES DO FOTOLIBRAS

- *Dar visibilidade à comunidade surda;*
- *Promover o uso da fotografia como ferramenta transformadora;*
- *Valorizar as diferenças e reconhecer as contribuições de todos;*
- *Criar oportunidades de aproximação entre surdos e ouvintes para que os surdos ganhem espaço para seus trabalhos artísticos e discursos políticos;*
- *Estimular o surgimento de jovens surdos protagonistas, administradores de projetos, fotógrafos e educadores;*
- *Promover o ensino de surdos para surdos.*



PRINCIPAIS RESULTADOS DO PROJETO FOTOLIBRAS

“Antes, eu só tirava fotos amadoras. No FotoLibras, aprendi a usar câmeras profissionais. No início, foi um pouco difícil, mas fui melhorando com o treino. Às vezes, a gente errava, tirava foto sem foco, mas isso era parte do processo de aprendizagem. Fotografamos bastante, aprendemos a tirar fotos melhores. Os professores nos ajudavam, discutiam as fotos conosco. No final, fizemos um ensaio, que ficou muito bom e me deixou muito feliz. Sou muito grato aos professores e aos intérpretes que me ajudaram a aprender a fotografar.”

João Manoel da Silva, aluno e multiplicador

- Fortalecimento da comunicação entre os jovens surdos e seus familiares;
- Crescimento na capacidade de expressão dos participantes através da leitura de imagens;
- Aumento no entendimento sobre como a fotografia pode ser explorada como meio de comunicação;
- Aumento na visibilidade e na autoestima dos participantes com a divulgação de seus trabalhos fotográficos e de suas ideias acerca do FotoLibras no site do projeto e durante diversos eventos culturais realizados em Recife e em outras cidades;
- Aumento da visibilidade da Feneis/PE a partir da divulgação do projeto na imprensa local e nacional;
- Surgimento de iniciativas de fotografia para surdos em vários locais do Brasil, incluindo as seguintes capitais: São Paulo, Fortaleza, Belém, Brasília, Rio de Janeiro, João Pessoa, Natal e Salvador;

- Participação de surdos em espaços dominados por ouvintes: galerias, palestras, mostras de fotografia, conselhos, congressos e comissões políticas;
- Participação de alunos do FotoLibras no projeto “O Brasil passa pelo SESC”. Os alunos receberam cachês e tiveram suas fotos publicadas no site e em outros materiais de divulgação do SESC;
- Publicação de fotos dos alunos em revistas nacionais, incluindo as revistas Continuum, Itaú Cultural, A Rede (duas vezes) e Sentidos;
- Atuação de surdos formados pelo FotoLibras como agentes multiplicadores em oficinas de fotografia realizadas em Recife e João Pessoa;
- Aumento da visibilidade acerca dos direitos e da cultura dos surdos através da participação em debates organizados pela Secretaria de Juventude de Pernambuco;
- Seleção de dois agentes multiplicadores como coordenadores do projeto para elaborar o Guia FotoLibras, remunerados com recursos do Programa Petrobras Cultural.

“Imagens desconstruídas, reconstruídas e transformadas! Imagens criadas! O principal fica na transformação do indivíduo, na descoberta do olhar que expressa o sentir. E por que não relembrar a frase, tão antiga quanto a arte de fotografar: uma imagem vale mais que mil palavras... No Curso de Fotografia Participativa foi assim: uma troca de conhecimentos e descobertas. Para nós, educadores ouvintes, era um universo que imaginávamos, mas bem longe do que nos mostrou a realidade. A comunicação entre os surdos é gestual, simbólica e, acima de tudo, expressiva. Palavras escritas... Falar pouco e dizer muito. Para eles, surdos, conhecer a fotografia foi como desvendar mistérios e acessar uma nova linguagem onde o olhar era o principal ator dessa história de ver, fotografar e mostrar.”

Vlândia Lima, fotógrafa e educadora do FotoLibras

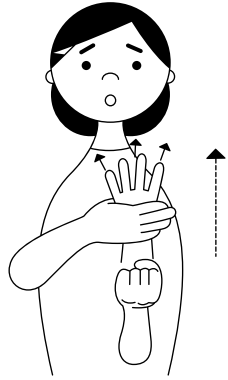
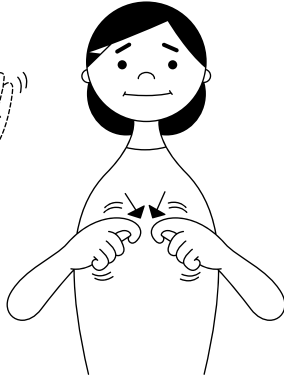
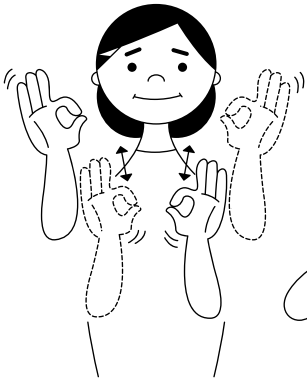
CASOS DE ESTUDO

Fortalecendo a comunicação na família

Um dos resultados mais significantes do FotoLibras foi o fortalecimento da comunicação na família. Muitos parentes e irmãos de surdos não sabiam Libras. Durante o curso, os alunos começaram a se comunicar em casa através de suas fotos, mostrando-as aos seus familiares. As fotografias revelavam o cotidiano e olhares dos jovens surdos e despertaram maior interesse e envolvimento dos familiares com a vida deles. Os pais ficaram orgulhosos dos trabalhos de seus filhos surdos e demonstraram interesse em conversar com eles sobre as fotografias e o trabalho que estava sendo desenvolvido. Como resultado, alguns familiares começaram a aprender Libras.

Ressignificando a educação

Uma outra conquista muito positiva do FotoLibras é a de um aluno que abandonou o treinamento de agentes multiplicadores e era um dos fotógrafos menos produtivos. Seu envolvimento com o projeto, no entanto, teve um impacto significativo em sua vida. Antes de participar do FotoLibras, sua educação era limitada a aulas em turmas formadas apenas por ouvintes, com professores que não sabiam Libras e que não tinham nenhum treinamento no ensino de surdos, além de nenhum intérprete. O aluno era muito indisciplinado e havia sido transferido para uma turma com pessoas muito mais novas do que ele. As aulas do FotoLibras foram a primeira experiência dele num ambiente de aprendizado com outros surdos e com intérpretes qualificados. No curso, ele sempre se comportou de forma impecável e aproveitou bastante as aulas. A experiência teve um impacto significativo em sua vida. Ele começou a perceber a importância dos estudos, mudando sua atitude na escola. Ele lutou para ser transferido para uma escola com uma metodologia de ensino mais apropriada e que tivesse mais alunos surdos. Além disso, ele conseguiu um emprego em uma fábrica local. O FotoLibras teve um grande impacto na autoestima desse aluno e ele começou a perceber o seu potencial.



2 ELABORANDO UM PROJETO



Todo projeto surge de uma ideia. E muitas ideias (senão todas) podem ser desenvolvidas em projetos ou intervenções. O essencial não é apenas ter uma ideia boa, mas também o desejo, o compromisso, o conhecimento e a confiança para colocá-la em prática.

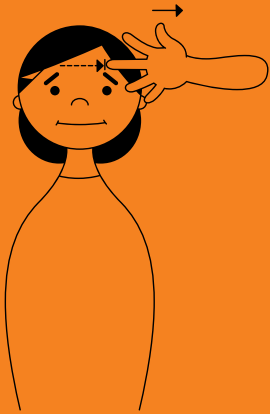
Um projeto pode se caracterizar por uma ação de apenas um dia envolvendo poucas pessoas ou pode ser formado por várias ações em diversos locais, envolvendo muitas pessoas durante vários anos. O conjunto de objetivos, as pessoas envolvidas e os recursos materiais e financeiros determinarão a amplitude da ação.

Às vezes, pensamos em fazer uma intervenção pequena, mas ela acaba atingindo muito mais pessoas que imaginávamos. Outras vezes, planejamos fazer uma intervenção grande e não conseguimos, mas a ação de escala menor acaba tendo impactos além dos previstos.

Esta parte do Guia apresenta algumas considerações sobre como elaborar um projeto de fotografia com surdos. O objetivo é auxiliar na organização de ideias sobre um determinado projeto para facilitar a captação de recursos, o planejamento, o monitoramento, a avaliação e o trabalho em equipe. O conjunto destes fatores pode ajudar a garantir o sucesso e a sustentabilidade do projeto.

Esta parte está dividida nas seguintes seções:

- *Pessoas envolvidas;*
- *Formatação do projeto;*
- *Captação de recursos e orçamento;*
- *Monitoramento e avaliação;*
- *Administração do projeto.*



PESSOAS ENVOLVIDAS

PARTICIPANTES (PÚBLICO-ALVO)

O público-alvo é o grupo de pessoas que vai participar das atividades de um projeto. A participação pode se dar de várias formas; nós adotamos o conceito de participação que estimula o envolvimento ativo de representantes do público-alvo na própria concepção e elaboração do projeto. Promover esta forma de participação é um desafio, mas pode ajudar a garantir a sustentabilidade do projeto, transformação social e o surgimento de protagonistas.

Quando tratamos de atividades que atingem um grupo de pessoas com a intenção de ensinar, transformar, mudar, estimular ou criar algo, é importante estruturar o projeto de forma que o público-alvo seja envolvido em todo o processo - como protagonista e sujeito ativo - a fim de garantir que o projeto responda às necessidades, aos desejos, às demandas e às reflexões do grupo de forma contínua e ativa. Isso envolve um processo de conhecer, entender e envolver pessoas que podem ter experiências e conhecimentos muito distintos. Em cada local, as pessoas e grupos sociais têm características e necessidades diferentes.

As perguntas, a seguir, indicam algumas das informações que serão necessárias para a elaboração de uma proposta adequada para o grupo com o qual será desenvolvido o projeto. Essa informação deve ser incluída em qualquer proposta

enviada para pedir apoio, doação ou patrocínio.

- De onde são os participantes?
- Qual é sua faixa etária?
- Por que trabalhar com esse grupo e não com outro?
- Quais as necessidades e características específicas do grupo (comunicacionais, educacionais, logísticas, financeiras, culturais etc.)?
- O que eles precisam para poder participar ativamente do projeto?
- Como serão envolvidos na elaboração do projeto?
- De que forma o projeto será estruturado a fim de possibilitar o protagonismo do grupo?
- Eles querem um projeto? Por quê?

Esta não é uma lista exaustiva e talvez existam outras informações que precisem ser incluídas. Se desde o início do projeto houver a participação de representantes do público-alvo na elaboração das propostas, objetivos e metas de trabalho, estas considerações vão surgir naturalmente. Além disso, é aconselhável verificar o conteúdo do projeto com um público maior e/ou com outras pessoas que tenham experiência com iniciativas parecidas.

No caso do FotoLibras, os participantes (público-alvo) do projeto são pessoas surdas, jovens, de Recife, mulheres e homens, oriundos da rede pública de ensino. Dois coordenadores surdos do setor de cultura da Feneis participaram ativamente desde o início do projeto, elaborando a proposta com os fotógrafos-educadores. A troca de informações e experiências entre os fotógrafos e os jovens surdos foi muito rica. De um lado, a experiência no ensino da fotografia. Do outro, o conhecimento sobre o universo e a cultura surda. Assim, o público-alvo esteve representado na elaboração dos objetivos e das atividades, garantindo que o projeto respondesse e incluísse as necessidades e demandas de jovens surdos da cidade de Recife. Desde a primeira turma do FotoLibras, o projeto vem ampliando o seu envolvimento na comunidade surda, o que possibilitou a elaboração do segundo curso de fotografia participativa com surdos, em conjunto com seus jovens multiplicadores, aumentando ainda mais a representação deste grupo na coordenação do projeto.

Para garantir que jovens do público-alvo se inscrevessem no curso, tomamos as seguintes medidas:

- Na seleção de participantes, garantimos que 50% das vagas fossem reservadas para as mulheres. Isso foi bastante divulgado, a fim de que as jovens soubessem que seriam bem-vindas.

- Durante a divulgação, deixamos claro que a alfabetização em português não seria um pré-requisito, pois queríamos evitar a alienação de eventuais interessados não alfabetizados, como foi sugerido pelos coordenadores surdos do projeto.
- Os coordenadores surdos sugeriram que fizéssemos flyers para divulgar o curso e/ou para que os participantes levassem para casa para mostrar às famílias. Às vezes, os familiares não acreditavam que o curso estava acontecendo e/ou os jovens tinham dificuldades de comunicação com a família.
- Utilizamos os vários recursos da internet para divulgar o curso – Orkut, MSN, e-mail e enviamos mensagem de texto, por celular.



É imprescindível garantir que haja tempo suficiente para divulgar o curso antes de começá-lo, a fim de reunir um grande grupo de surdos!



EQUIPE

Muitas pessoas realizam projetos sozinhas. Isso funciona bem para alguns e depende do objetivo e da duração do trabalho a ser realizado. No caso de projetos de fotografia para surdos, sugerimos trabalhar com uma equipe mínima, com representantes do público-alvo, fotógrafos, pedagogos com experiência em ensino para surdos e intérpretes de Libras (caso toda a equipe não domine a língua).

EQUIPE DO FOTOLIBRAS

- *Dois jovens surdos;*
- *Três fotógrafos com experiência em projetos sociais com jovens;*
- *Uma cientista social com especialização em elaboração de projetos e participação;*
- *Dois intérpretes de Libras;*
- *Coordenação da Feneis.*

É preciso garantir que todos os envolvidos com a coordenação do projeto tenham suas tarefas e seus papéis claramente definidos. Além disso, para o bom andamento do projeto, é vital estimular os indivíduos do grupo a serem pró-ativos e terem iniciativa, para que eles se sintam parte do trabalho e se comprometam. Também, é importante desenvolver acordos de trabalho, mesmo quando, no grupo, haja pessoas trabalhando como voluntárias. Reuniões regulares devem ser incorporadas no planejamento da equipe e não se deve esquecer de fazer avaliações internas ao longo do percurso do projeto. Encontros para unir as pessoas, seja para confraternizar ou discutir tópicos de interesse comum, são igualmente importantes.

Um coordenador geral deve ser nomeado para ser responsável pelo projeto como um todo. Essa pessoa deve estar consciente dos interesses de todos os envolvidos: equipe, participantes e parceiros. O coordenador precisa avaliar e gerenciar as demandas e necessidades de cada grupo no percurso do projeto, além de garantir que este continue sendo participativo e que os objetivos definidos sejam atingidos.

Quando o grupo de trabalho é composto por surdos e ouvintes, é importante que os últimos se esforcem para aprender Libras, através da realização de um curso. Conversar com colegas surdos também é uma ótima forma de aprender e praticar a língua. Para obter informação sobre cursos de Libras, pode-se entrar em contato com a Feneis (www.feneis.com.br).

Se todos os membros da equipe não sabem Libras, o envolvimento de intérpretes desde o início do processo de planejamento do projeto é essencial. É necessária a competência referencial, ou seja, os intérpretes precisam estar familiarizados com a linguagem e o universo fotográfico. Isso é especialmente importante, pois muitos dos sinais técnicos serão novos para estes profissionais. Também é necessário que todos os ouvintes e/ou convidados envolvidos no projeto recebam treinamento sobre como trabalhar com surdos e intérpretes (ver página 89).



Deve-se garantir que haja tempo suficiente para preparar os intérpretes acerca dos conteúdos do curso, que, muitas vezes, apresentam termos técnicos específicos.

PARCERIAS

As parcerias são importantes para ajudar na execução e divulgação de um projeto, além de serem potenciais fontes de recursos. Algumas parcerias a serem exploradas são:

Outras entidades e grupos que trabalham com surdos e/ou fotografia

Este tipo de parceira é bom para trocar experiências e ideias e para divulgação do projeto. Pode ser estabelecida com outros grupos que já trabalham com surdos, fotografia, comunicação ou outros assuntos pertinentes ao projeto. Podem ser organizadas reuniões para discutir temas de interesse e relatar as experiências de cada grupo. Essas parcerias são muito importantes para criar espaços de aproximação entre surdos e ouvintes e para divulgar o trabalho.

Secretarias de Educação e de Direitos da Pessoa com Deficiência

É de extrema importância estabelecer parcerias com as secretarias e gerências

especiais da prefeitura da cidade na qual o projeto será realizado. Esses órgãos podem disponibilizar transporte para saídas fotográficas, espaços para eventos, além de outros apoios logísticos. Essa parceria também pode ser explorada de forma a estimular discussões sobre a elaboração de políticas públicas relevantes à comunidade surda. O projeto desenvolvido poderá ser responsável por introduzir atividades de fotografia em escolas públicas e em outros espaços da cidade. Afinal, fazemos esses projetos para mostrar novas possibilidades para a educação e pressionar o poder público a melhorar o sistema educacional formal.

Escolas e universidades

Podem ser grandes parceiras ao ceder espaços para cursos e exposições. Além disso, é interessante articular debates com professores e alunos de comunicação, pedagogia e/ou outros cursos a fim de trocar ideias e dar visibilidade ao projeto. As universidades também podem ser uma fonte de voluntários e/ou estagiários com nível superior e interesse em trabalhar em projetos sociais/culturais.

Empresas locais

Empresas privadas podem fornecer produtos necessários para o curso: filme, lanche, materiais gráficos, câmeras etc. Também podem ser importantes fontes de financiamento (*ver página 64*).

Pessoas físicas

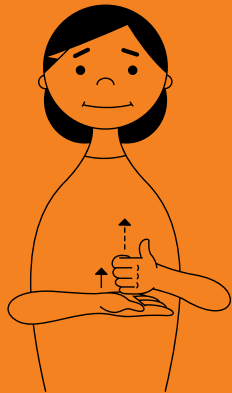
Pessoas físicas podem dar apoios muito importantes para o projeto. É interessante estabelecer parcerias com experientes fotógrafos e surdos ativistas para dar visibilidade e credibilidade ao projeto e também para estimular os participantes por meio de palestras, encontros e trocas com esses profissionais.

É essencial que fiquem claras as expectativas e responsabilidades de cada parceria e que todos os interessados sejam comunicados sobre as atividades realizadas pelo projeto por e-mail, telefone, reuniões e/ou boletim informativo.



Cada parceira tem um interesse diferente no projeto. É fundamental entender a dinâmica de cada uma delas, para poder gerenciá-las de forma que elas continuem apoiando o projeto.





FORMATAÇÃO DO PROJETO

“No futuro, quero continuar levando a fotografia para outros locais, ajudar as pessoas nessa área, crianças surdas ou ouvintes, tanto faz, para que sejam incluídas e possam participar ativamente. Seria legal ter esse curso nas escolas. Surdos e ouvintes aprendendo juntos em diversas áreas.”

Gutenberg Laurindo de Oliveira, aluno e multiplicador do FotoLibras

Ao formatar um projeto, é importante designar tempo suficiente para a elaboração de objetivos, atividades, estratégia de ação, orçamento e criação do nome, além da captação de recursos. Nessa parte do Guia, vamos descrever passo a passo como formatar um projeto, a fim de captar recursos para viabilizá-lo. Todos os envolvidos, nesta etapa, devem entender a terminologia utilizada na formatação de um projeto, além do seu conteúdo. É preferível que a proposta seja feita em português (escrito) e em Libras (filmado com câmera digital). O anexo 1 contém um roteiro para formatação de projetos e uma explicação da terminologia utilizada.

OBJETIVOS

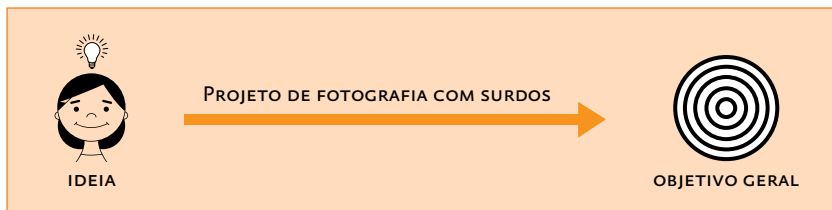
Um objetivo descreve o que se espera atingir com um projeto. Por exemplo: “Fortalecer a comunicação na família entre surdos e ouvintes” ou “Aumentar a visibilidade da comunidade surda”. Definir os objetivos é um processo complexo que envolve discussões entre todas as pessoas envolvidas no projeto.

Objetivos normalmente começam com verbos que descrevem uma mudança atingível durante um tempo determinado. Por exemplo: *Melhorar..... Aumentar..... Diminuir..... Estimular..... Facilitar..... Promover..... Desenvolver..... Capacitar..... Realizar..... Incentivar..... Acrescentar.....*



Um objetivo deve ser: Específico, Mensurável, Atingível e Realista.

O objetivo geral é o foco mais amplo do projeto. No diagrama abaixo, começa-se com uma ideia. A seta indica o caminho percorrido para se chegar ao objetivo.



Geralmente, um projeto apresenta vários objetivos específicos, que, juntos, contribuem para alcançar o objetivo geral. Objetivos específicos podem ser atingidos em vários momentos do projeto. Muitas vezes, os financiadores querem saber não só o objetivo geral, mas também os específicos. Um projeto pode ter muitos objetivos específicos, mas, geralmente, de 4 a 8 são suficientes. Ter muitos objetivos mostra que o projeto não está focado e dificulta o monitoramento.

Por exemplo:

Objetivo geral

- Aumentar a criatividade, a autoestima e a visibilidade de jovens surdos por meio da criação de imagens fotográficas.

Objetivos Específicos

- Estimular o surgimento de protagonistas e comunicadores sociais;
- Estimular ações na área de fotografia participativa com surdos no Brasil;
- Facilitar a comunicação e integração dos participantes em suas famílias através da produção fotográfica;
- Divulgar o trabalho fotográfico dos jovens.

Podemos visualizar assim:



Ser flexível com os objetivos é muito importante. Às vezes, atingimos objetivos não planejados. Também há objetivos desejados que se tornam impossíveis de atingir no percurso do projeto. Deve-se registrar e analisar esses acontecimentos. Através do monitoramento e da avaliação, é possível saber se os seus objetivos estão sendo atingidos ou se é preciso adaptá-los (*ver página 69*).

Às vezes, um edital ou um apoiador pode pedir as 'metas' do projeto. A 'meta' pode se referir ao objetivo geral do projeto, às etapas ou aos

objetivos específicos. É preciso ler com cuidado o regulamento e todas as instruções sobre como preencher o formulário de inscrição. Se tiver qualquer dúvida, entre em contato com as pessoas responsáveis pelo edital.

No começo de um curso ou oficina, é importante apresentar aos participantes os principais objetivos e motivações do projeto, além de fazer um levantamento das expectativas de todos os envolvidos. É preciso lembrar que, às vezes, alguns objetivos têm maior importância para os participantes do que outros. Deve-se tomar cuidado para que preferências pessoais não ameacem os principais objetivos do curso.

O anexo 1 contém uma tabela com os objetivos do FotoLibras.

RESULTADOS ESPERADOS E CONCRETOS

Resultados esperados são os impactos que gostaríamos que acontecessem com a implementação de um projeto.

Por exemplo: *Aumento da comunicação na família, entre membros surdos e ouvintes.* Isso é um resultado que se quer atingir, mas sobre o qual não se tem controle, pois ele é influenciado por muitos outros fatores que interferem nas relações intrafamiliares.

Ao avaliar um projeto e verificar que os resultados esperados realmente aconteceram, passamos a chamá-los de **impactos** do projeto. Impactos são resultados que indicam alguma mudança na vida dos participantes e/ou da sociedade. Pode ser comportamento, conhecimento, poder, capacidade e/ou atitude.

Resultados concretos são os resultados que sabemos que serão atingidos, caso tudo corra bem.

Por exemplo: *Publicação de 500 exemplares do Guia FotoLibras.* Sabemos que, se fizermos todas as atividades planejadas, este resultado vai acontecer.

Quando, na avaliação do projeto, confirma-se que os resultados concretos realmente aconteceram, eles continuam sendo resultados do projeto. Não são impactos, pois não indicam nenhuma mudança individual, coletiva ou social.

Ver anexo 1 para um exemplo dos resultados do FotoLibras.

JUSTIFICATIVA

A justificativa identifica a importância da realização de um projeto a partir do contexto e realidade local, regional e/ou nacional. Primeiro, é preciso justificar a importância do projeto em relação ao desenvolvimento sócio-cultural do público alvo. Deve-se ressaltar a originalidade, a inovação e a qualidade do projeto (envolvimento de educadores e pedagogos com muita experiência, ineditismo na cidade/local, parcerias com outros grupos na área etc) e sua importância para a sociedade.

Na elaboração da justificativa, pode-se começar respondendo às seguintes perguntas:

- Por que a fotografia?
- Por que este público-alvo foi escolhido? *(Ver lista de perguntas na página 48)*
- O grupo já teve a oportunidade de se expressar através da fotografia antes ou não?

Resumindo, é preciso descrever o PORQUÊ do projeto.

A justificativa pode ser organizada da seguinte forma:

PARÁGRAFO 1: Inovação e ineditismo do projeto.

PARÁGRAFO 2: Qualificação da equipe e capacidade de atingir objetivos.

PARÁGRAFO 3: O impacto que o projeto vai ter na sociedade e no grupo que forma o público-alvo.

PARÁGRAFO 4: Situação socioeconômica e cultural do público-alvo. Por que precisa do projeto? Quais são as dificuldades que este grupo enfrenta?

PARÁGRAFO 5: Dados sobre o grupo, tamanho, renda, escolaridade etc.

PARÁGRAFO 6: Questões de abordagem. Qual é a abordagem do projeto? Como serão resolvidas as dificuldades abordadas no parágrafo 4?

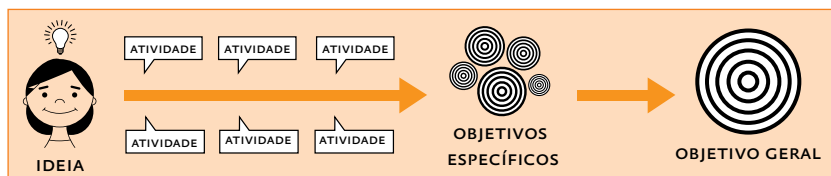
PARÁGRAFO 7: Conclusão: resumir a importância do projeto e o impacto previsto.

Para ver a justificativa do projeto FotoLibras que foi apresentada à Petrobras e ao Ministério de Cultura para a realização deste Guia, ver anexo 1.

ATIVIDADES

As atividades que acontecem no percurso de um projeto devem contribuir para a realização dos objetivos específicos e do objetivo geral.

Podemos visualizar assim:



As atividades precisam ser realistas. É necessário dispor de recursos e tempo para implementá-las. Trabalhar em parceria com outros grupos e entidades é uma forma de conseguir executar atividades para as quais não haveria recursos financeiros ou humanos.

ESTRATÉGIA DE AÇÃO

Uma estratégia de ação descreve como um projeto será realizado, discriminando o que será feito a cada mês, os responsáveis por cada etapa, os riscos envolvidos e possíveis atrasos.

As “etapas” de um projeto referem-se às suas “fases”. Normalmente, estratégias de ação são organizadas por mês, descrevendo o que deve ser feito (as atividades) a cada mês para atingir o objetivo geral e os objetivos específicos previstos. A estratégia de ação deve ser elaborada junto ao orçamento do projeto. Toda atividade listada na estratégia deve ser listada também no orçamento, mesmo que não tenha custo. Por exemplo, se o projeto recebe uma doação de filmes, ainda é preciso colocar o item ‘filmes’ no orçamento, anotando que foram doados: este é um recurso captado!

Ver anexo 1 para um exemplo de estratégia de ação de um curso do FotoLibras.

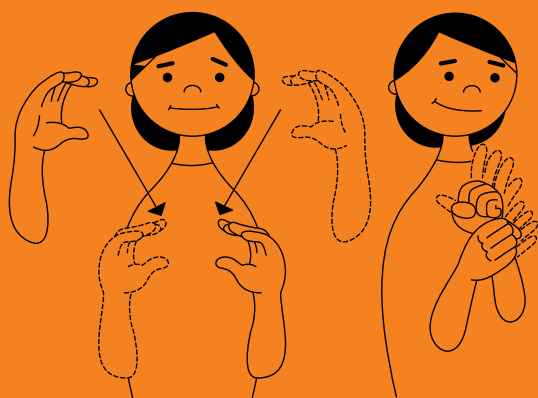


VALMIR CAMPELO
BOA VISTA, RECIFE-PE



RISCOS E POSSÍVEIS ATRASOS

É bom pensar sobre os riscos e possíveis atrasos no planejamento do projeto. Apenas alguns financiadores pedem essa informação, mas é importante refletir sobre isso para evitar complicações durante a execução do projeto. Por exemplo, o que será feito se houver uma greve nos bancos ou um atraso no repasse de dinheiro? Ou se chover muito? Como evitar que isso gere um impacto negativo?



CAPTAÇÃO DE RECURSOS E ORÇAMENTO

A captação de recursos refere-se ao conjunto de atividades e estratégias implementadas para captar o que for necessário para que um projeto vire realidade. Não se refere apenas a recursos financeiros, mas também a recursos materiais, humanos e de tempo.

Primeiro, é preciso elaborar um orçamento, a fim de identificar quais são os itens que dependerão da captação de recursos financeiros e quais podem ser captados por doações e parcerias. É importante ser realista e flexível sobre os recursos. Geralmente, o maior custo de um projeto são as pessoas: os educadores e os intérpretes. Em termos de materiais, o maior custo são os filmes e revelação e/ou câmeras, se forem digitais. É preciso separar parte do orçamento para revelação e, de preferência, fechar um pacote de compra e revelação de filmes por um preço menor.

Ver anexo 1 para um exemplo de orçamento para um curso (baseado num orçamento do FotoLibras).

É importante captar recursos de forma ampla, explorando possibilidades de doações e patrocínios de indivíduos, empresas e entidades públicas. Materiais de comunicação, explicando os objetivos do projeto em Libras e em português de forma sucinta, devem ser desenvolvidos para servir de material de apoio a ser apresentado a possíveis doadores e patrocinadores.

Também existem outras formas alternativas de dar visibilidade ao projeto e de levantar fundos; por exemplo, através da venda de fotografias e camisas

ou da prestação de serviços. Assim, o projeto poderá ser uma fonte de renda também para os participantes.

É preciso designar uma ou mais pessoas da equipe para ficarem responsáveis por pesquisar fontes de financiamento constantemente. A pessoa deve elaborar e atualizar uma lista de possíveis financiadores/doadores e enviar informativos para a lista sobre o projeto. Outra opção é contratar um captador de recursos. São profissionais que elaboram e apresentam projetos para várias entidades. Geralmente eles cobram uma porcentagem do valor do projeto para fazer esse trabalho.

FONTES DE FINANCIAMENTO E RECURSOS

Aqui, explicamos um pouco sobre cinco importantes mecanismos de captação de recursos: editais, fundações e institutos, pessoas físicas, empresas e entidades públicas.

Editais

Um edital é uma chamada pública aberta, que muitas entidades (públicas e privadas) utilizam para escolher projetos para receber patrocínio. As chamadas acontecem uma ou mais vezes por ano e ficam abertas durante um período específico. O processo de editais é uma forma mais democrática de repassar financiamento para projetos e iniciativas sociais, pois todos se inscrevem ao mesmo tempo, no mesmo formulário e, geralmente, há uma comissão independente que julga os projetos.

O mais importante sobre os editais é ler todo o regulamento e preparar o projeto com tempo suficiente para enviá-lo dentro do prazo. Muitas vezes são exigidos documentos que precisam ser organizados com antecedência, certidões e inscrições em conselhos, por exemplo. Sempre que houver dúvida, deve-se entrar em contato com a coordenação ou a organização dos editais para esclarecimentos.

Fundações e institutos

Fundações e institutos são, geralmente, criados por indivíduos ou empresas visando à distribuição de fundos para projetos e iniciativas sociais, culturais, científicas e/ou políticas. Muitos usam editais para escolher grupos para financiar, conforme sua política de financiamento para o período. É possível também que



essas entidades disponham de dinheiro ou outros recursos, fora do edital, que podem ser acessados. Para ver a possibilidade de apoio, pode-se ligar ou enviar um e-mail explicativo sobre o projeto que será desenvolvido.

Pessoas físicas

É possível que pessoas físicas tenham interesse em doar recursos a um determinado projeto. As doações podem ser materiais, como filmes, câmeras, materiais de escritório, computadores etc.; ou financeiras. Geralmente, são doações que acontecem uma vez só e não exigem nenhuma contrapartida, mas é bom agradecer às pessoas por essas doações e mantê-las informadas sobre o progresso do projeto. Pessoas físicas também podem ser voluntárias, doando o seu tempo para que o projeto vire realidade. É interessante buscar o apoio de artistas, técnicos, professores e demais pessoas que possam ter interesse no projeto.

Empresas

Muitas empresas financiam projetos por meio da criação de fundos e institutos (por exemplo, a Fundação Kellog, o Instituto Votorantim – ver acima sobre instituições e fundos). Outras vezes, eles financiam através de seus departamentos de marketing e/ou outro departamento responsável por questões de responsabilidade social. Quando uma empresa não tem uma fundação ou instituto, é possível entrar diretamente em contato com esses departamentos. É bom ter em mãos um resumo objetivo do projeto, descrevendo claramente as contrapartidas oferecidas, pois cada empresa tem interesses e metas diferenciadas. Incluir fotos também é importante. Empresas podem financiar um projeto através de incentivos fiscais. Elas usam impostos designados para o governo para financiar iniciativas sociais e culturais.

Entidades públicas (municipal, estadual, regional ou federal)

Prefeituras, secretarias e fundações estaduais e nacionais financiam muitos projetos sociais e culturais. Geralmente, isso é feito através de editais (ver acima). Mas eles também podem ajudar com transporte, espaço físico, intérpretes e outros técnicos. É preciso entrar em contato com a prefeitura e/ou secretaria de educação para ver quais são as possibilidades de apoio.

Contrapartidas

Normalmente, quando um projeto recebe um financiamento ou patrocínio, é preciso “oferecer algo em troca”. Geralmente, isso consiste em dar visibilidade

à marca do patrocinador em todo material de divulgação do projeto (banner, cartaz, convite, blog). Além disso, eles podem divulgar que estão apoiando o projeto e usar imagens do mesmo. Às vezes, a contrapartida é em recursos próprios (10% do valor do projeto, por exemplo) que devem ser doados através de espaço físico, recursos humanos ou algum outro recurso. Se essas exigências não são cumpridas, eles podem cancelar o patrocínio, ou, pior, multar o projeto por não cumprir com o contrato.

Prestação de contas

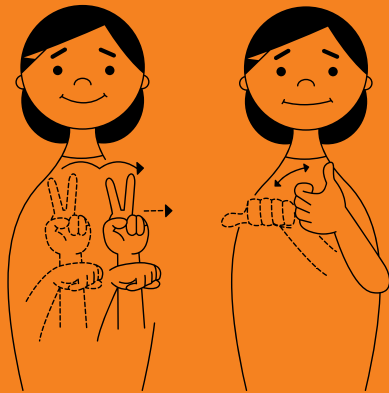
Empresas e entidades públicas exigem a prestação de contas, que deve detalhar como o dinheiro repassado foi gasto. É muito importante que haja, na equipe, uma pessoa responsável por isso, que possa acompanhar o orçamento do projeto e fazer relatórios mensais, a fim de garantir que o dinheiro esteja sendo gasto de acordo com o que foi combinado com o patrocinador e que todos os impostos estão sendo recolhidos de forma correta. Geralmente, precisa-se de um contador para acompanhar a prestação de contas.

A prestação de contas também envolve a comprovação das atividades que foram realizadas. Tirar muitas fotos, organizar relatórios e pegar depoimentos dos alunos são algumas formas de mostrar os impactos de um projeto. Com uma boa prestação de contas, pode-se garantir mais financiamento para futuras atividades!

No Anexo 3, há uma lista de entidades que financiam projetos de cultura e educação no Brasil.



Não se deve dar início às atividades de um projeto antes de receber doações e patrocínios. Às vezes, financiadores prometem apoiar, mas não cumprem com seus compromissos ou o repasse demora muito mais do que o imaginado.



MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO

“No curso, eu aprendi várias coisas que eu não sabia antes. No começo, eu não entendia bem, mas, aos poucos, fui melhorando e me desenvolvendo. No FotoLibras, eu pude treinar e aprender, viajar para outras cidades. Era muito bom ver os resultados das fotos ampliadas. As fotos também ajudaram na comunicação com a família. Meus familiares viram o que eu estava fazendo e acharam muito legal.”

Maria de Fátima da Silva, aluna

Monitoramento e avaliação consistem em coletar informações relacionadas a um projeto e a suas atividades, impactos e resultados.

Monitoramento e Avaliação são importantes pelas seguintes razões:

- Demonstram resultados e impactos para financiadores, doadores, gestores públicos e para a sociedade de forma geral.
- Verificam se o projeto está sendo implementado de forma eficiente e se os resultados desejados estão sendo atingidos.
- Permitem planejar as atividades atuais e futuras.
- Ajudam a captar recursos.
- Promovem diálogo com outros projetos e entidades que trabalham na mesma área.

Monitoramento se refere a um processo contínuo de observação e coleta de informação ao longo de um projeto. O monitoramento faz parte do dia a dia do projeto, envolve a observação constante de todas as atividades que estão sendo realizadas e momentos de discussão com todos envolvidos (separadamente ou em reunião). É importante que a equipe tenha tempo para monitorar a implementação e a administração do projeto, pois essas podem influenciar os resultados.

Avaliações geralmente acontecem em momentos chaves do projeto ou curso e envolvem todos os participantes e equipe. Avaliações costumam ser feitas ao final de cada aula, no meio e ao final do projeto. Muitas vezes, as informações que foram recolhidas durante o monitoramento já indicam a forma através da qual a avaliação deve ser conduzida e as perguntas a serem colocadas para o grupo.

O QUE ESTÁ SENDO MONITORADO E AVALIADO?

Fazemos monitoramento e avaliação para verificar se os objetivos e resultados do projeto estão sendo atingidos e como os participantes estão se sentindo em relação ao projeto. Monitoramento e avaliação deve acontecer em dois níveis: com o grupo de alunos e, separadamente, com a coordenação do projeto. Deve ser flexível, pois representa apenas uma ferramenta e é importante que não se fique preso a ela, pois corre-se o risco de não identificar outros impactos e reflexões que não foram pré-definidos durante o planejamento.

COMO FAZER MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO?

Aqui, falaremos um pouco mais sobre as ferramentas com que a coordenação precisa se familiarizar para monitorar e avaliar o projeto. *(Para exemplos de como fazer o monitoramento e a avaliação na sala de aula ver página 117).*

Para avaliar se os objetivos e resultados estão sendo atingidos, é preciso estabelecer os 'indicadores' que serão usados para medir o progresso e o impacto do projeto desenvolvido. Geralmente, estes indicadores são diretamente ligados aos objetivos, referem-se a 'o quê' foi atingido. A forma de verificação refere-se ao instrumento utilizado para recolher as informações.

A tabela ao lado é um exemplo de monitoramento dos resultados concretos de um projeto.

Monitorar e avaliar os resultados esperados é um pouco mais difícil, pois são resultados que não estão dentro do controle da coordenação do projeto e que tratam de assuntos que, por natureza, são difíceis de monitorar objetivamente, como autoestima, criatividade, inclusão.

RESULTADO CONCRETO	INDICADOR	FORMAS DE VERIFICAÇÃO
Realização de um curso básico e um curso avançado de fotografia participativa com jovens surdos.	<ul style="list-style-type: none"> • Cursos realizados; • Número de jovens surdos que participaram. 	<ul style="list-style-type: none"> • Fotos de registro do curso e encerramento; • Entrega de certificados; • Atas de presença; • Relatórios de educadores; • Vídeos e formulários de monitoramento e avaliação.
Elaboração de ensaios fotográficos sobre temáticas pertinentes às vidas dos participantes.	<ul style="list-style-type: none"> • Número de ensaios elaborados; • Temáticas abordadas pertinentes às vidas dos participantes. 	<ul style="list-style-type: none"> • Relatórios (por escrito ou em vídeo) de alunos e professores sobre os ensaios e sobre temáticas trabalhadas; • Fotos.

A equipe deve designar uma pessoa para ficar responsável pela coleta de informações no percurso do projeto.

Se houver oportunidade, é interessante levantar informações com outras pessoas que tiveram contato com o projeto e que devem ter reflexões interessantes sobre os impactos das atividades, por exemplo pais e professores

REGISTRO E RELATÓRIO

As informações recolhidas durante o monitoramento e as avaliações devem ser compiladas em relatórios periódicos e em um relatório final, que servem para prestação de contas e contribuem para criar a memória institucional do projeto. Esses registros são importantes para apontar como o projeto pode

ser melhorado. Além disso, essas informações podem ser divididas com outros grupos que estejam trabalhando na mesma área, a fim de trocar experiências e aprendizados. Os registros e relatórios devem ser em português e em Libras (que pode ser feito em vídeo).

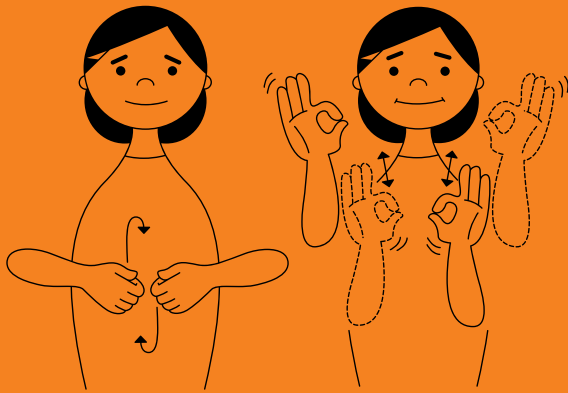
RESULTADO ESPERADO	INDICADOR	FORMAS DE VERIFICAÇÃO
Surgimento de jovens protagonistas.	<ul style="list-style-type: none"> • Alunos que completam o treinamento de multiplicadores; • Atividades planejadas e/ou realizadas por multiplicadores; • Participantes com ideias /atividades independentes do projeto; • Participantes envolvidos em espaços de debate sobre políticas públicas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Relatórios dos participantes e educadores (por escrito e/ou em vídeo); • Registro das atividades (por escrito e/ou em vídeo e fotos).
Aumento na expressão e autoestima e desenvolvimento do olhar de jovens surdos vinculados às ações do projeto.	<ul style="list-style-type: none"> • Participantes mais seguros apresentando seus trabalhos na aula e em público; • Participantes envolvidos na divulgação do projeto; • Participantes tomando iniciativas em relação ao projeto, à fotografia ou a outras atividades. 	<ul style="list-style-type: none"> • Relatórios dos participantes e educadores (por escrito e/ou em vídeo); • Produção de fotos que contêm uma história; • Registro (em vídeo) de debates de análise e leitura de imagens.



Deve-se garantir que haja tempo para discussões reflexivas sobre todo o processo do projeto, não apenas para tratar dos objetivos pré-definidos. Por exemplo, como a equipe está se sentindo em relação ao trabalho desenvolvido?

Monitoramento e avaliação deve ser flexível.

Depois de selecionar os participantes do curso, é preciso recolher informação de base (escrito, se os participantes sabem ler e escrever; ou em vídeo, para que as informações sejam registradas em Libras). Isso vai servir como forma de monitorar o progresso e aprendizado dos participantes.



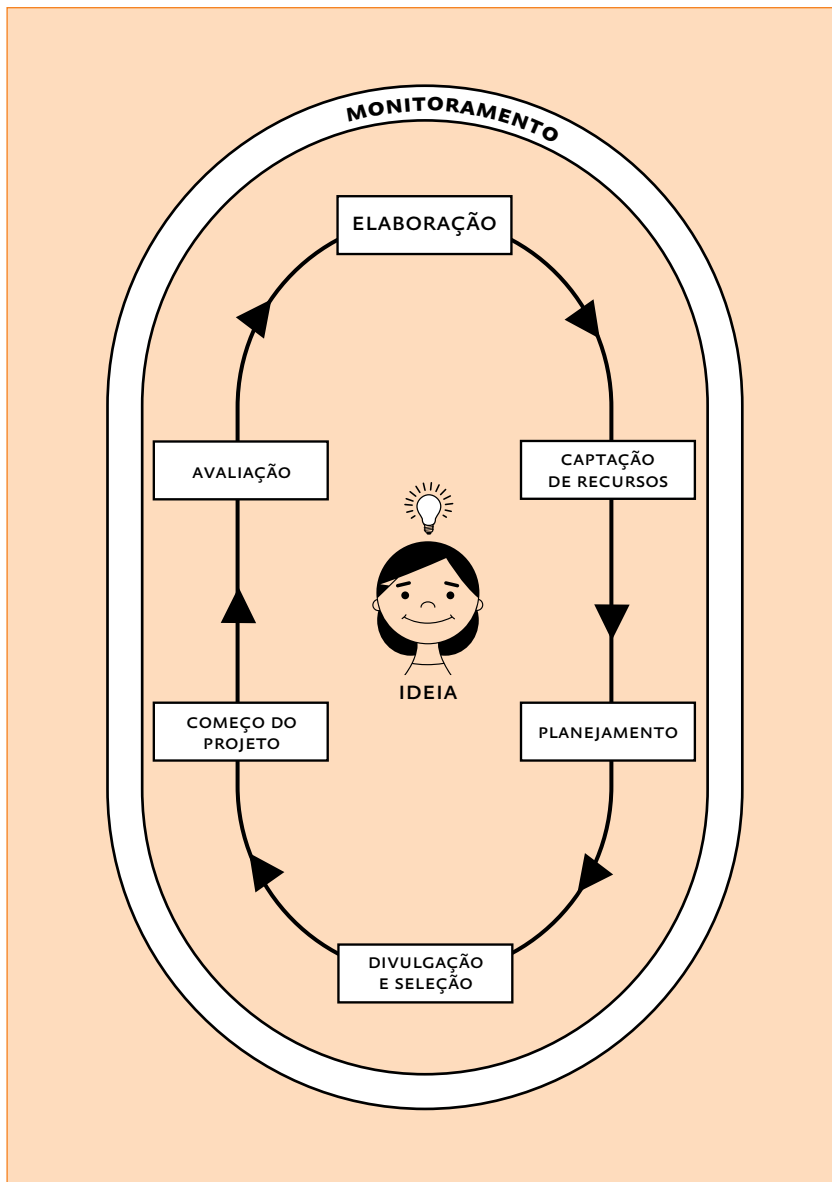
ADMINISTRANDO O PROJETO

Administrar um projeto pode levar tanto tempo quanto o planejamento e a realização das aulas e atividades práticas! Muitas coisas precisam de acompanhamento, como o relacionamento com doadores, o monitoramento, as avaliações, o orçamento e o ânimo da equipe. É preciso dividir as tarefas de administração entre a equipe e designar uma pessoa para ser responsável pela coordenação geral.

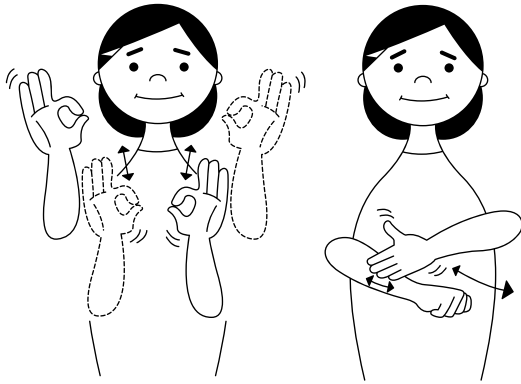
Quanto à administração, é importante lembrar-se das seguintes tarefas:

- Pagamento de pessoas e impostos;
- Pagamento de contas (telefone, luz, água etc.);
- Prestação de contas e relatórios;
- Divulgação de informação para financiadores, parceiros e apoiadores;
- Criação de uma lista de contatos;
- Produção de relatórios financeiros mensais ou de acordo com as especificidades do projeto. O orçamento deve ser usado como referência para controlar os gastos por mês;
- Codificação e sistematização de informação sobre o projeto;
- Pesquisa de possibilidades para captação de recursos e preparação de propostas junto à equipe.

CICLO DE PROJETOS





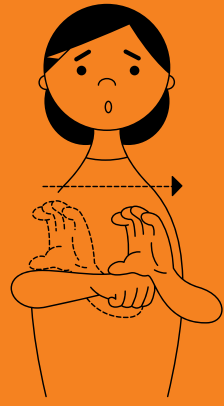


3 IMPLEMENTANDO UM PROJETO



Esta parte do Guia apresenta algumas ideias que podem ser incorporadas ao conteúdo de um projeto, seja um curso de longo prazo ou uma oficina de apenas um dia. Ela está dividida nas seguintes seções:

- *Desenhando um plano para o curso;*
- *Metodologias de educação com surdos;*
 - A comunicação entre alunos surdos e educadores ouvintes*
 - Trabalhando com intérpretes*
 - Sinais técnicos em Libras*
 - Uso de recursos visuais*
 - Uso de brincadeiras na aula*
- *O Curso na prática;*
 - Passo I: Iniciando o curso*
 - Passo II: Despertando o olhar*
 - Passo III: Fotografia na prática*
 - Passo IV: Aprofundando o conhecimento sobre a fotografia*
 - Passo V: Discussões temáticas e questões transversais*
- *Monitoramento e avaliação na sala de aula;*
- *Divulgação e comunicação;*
- *Multiplicadores;*
- *Encerramento e continuidade.*



DESENHANDO UM PLANO PARA O CURSO

Um passo muito importante para a realização de um curso, oficina ou qualquer atividade pedagógica é a elaboração de um plano de aulas. É nele que serão detalhados o objetivo de cada aula, a metodologia, os conteúdos abordados, as dinâmicas utilizadas, o material pedagógico e o tempo que deve ser destinado para cada atividade, dentro da carga horária proposta.

Antes de pensar sobre os detalhes de cada aula, é preciso planejar o curso em sua totalidade, detalhando os objetivos específicos do curso/oficina e como cada aula vai contribuir para o objetivo geral do projeto. Isso é importante para o planejamento do projeto, mesmo que no meio do processo seja preciso modificar alguma coisa.

Além do plano de aulas, a equipe envolvida na ação deve fazer um planejamento que inclua reuniões, momentos de planejamento e avaliação, relatórios, divulgação e outras atividades que contribuam para atingir os objetivos do projeto.

Segue um exemplo de um plano macro de uma oficina de introdução à fotografia do FotoLibras, de quatro dias:

- DIA 1:** *Apresentar o grupo: equipe e participantes;
Introduzir noções de fotografia;
Trabalhar o olhar;
Avaliação do dia.*
- DIA 2:** *Aprofundar o conhecimento na técnica fotográfica e despertar o olhar;
Estimular os sentidos;
Começar a fotografar;
Avaliação do dia.*
- DIA 3:** *Aprofundar o conhecimento sobre o projeto FotoLibras e continuar os estudos sobre a fotografia a partir das imagens do FotoLibras;
Avaliação do dia.*
- DIA 4:** *Analisar as fotos produzidas;
Montar a exibição dos trabalhos fotográficos;
Avaliar o curso.*

Depois de definir o conjunto de aulas e os objetivos a serem atingidos durante o curso, é preciso elaborar os conteúdos específicos de cada aula. A metodologia a ser adotada vai depender dos objetivos que se pretende atingir. Na busca por implementar um método de ensino consistente com os conceitos de fotografia participativa, apresentamos aqui uma metodologia que vem sendo utilizada por muitos grupos e que pode ser adaptada para qualquer realidade e tempo disponível. Essa metodologia parte do pressuposto que a transformação do mundo se inicia com a consciência de si em todos os aspectos (físico, mental e emocional). Dinâmicas aparentemente simples podem provocar sentimentos e sensações que, se apropriadas, revelam novas possibilidades do ser e, naturalmente, de sua relação com o mundo.

Essa metodologia sugere a seguinte sequência de aula:

- Roda
- Alongamento
- Aquecimento
- Relaxamento
- Atividade/Tema
- Roda

A roda inicial é o momento para despertar a consciência para o trabalho que está começando. O foco de atenção deve estar naquele espaço e momento, ou seja, as preocupações e atividades externas devem ser deixadas de fora. Observar a respiração e se concentrar no aqui e agora ajudam bastante. Pode-se ler uma mensagem ou uma frase referente ao tema do trabalho. Estar de mãos dadas estimula o contato com o outro e a sensação de unidade e pertencimento.

Alongamento possibilita a consciência do corpo, pois desperta as noções de postura e equilíbrio e percebemos as nossas dificuldades/facilidades para realizar os movimentos propostos. Trabalha a ansiedade e o cuidado com a saúde.

Aquecimento pode ser usado como prática de integração, que é sempre importante, mesmo que o grupo já se conheça e/ou trabalhe junto há muito tempo. Também é um momento de liberar e destravar energias contidas, aflorando a vontade de jogar e brincar.

Relaxamento harmoniza toda a energia trabalhada. A respiração é a base para suavizar tensões do corpo e da mente. Pode ser feito de forma que possibilite a concentração ou para iniciar uma visualização (história, cores, formas, paisagens), estimulando a criatividade e a imaginação - um bom preparo para leitura da imagem e para fotografar. Para uma melhor entrega, recomenda-se deitar com os braços ao longo do corpo e utilizar vendas nos olhos. Ao observar algum participante agitado, o educador pode fazer um breve e suave carinho em sua cabeça (cafuné) ou segurar sua mão, por um momento, se houver medo. O toque deve ser leve para não causar susto. O tempo de duração da dinâmica pode ser de cinco minutos, para um grupo iniciante na prática, e até vinte minutos, a partir do aumento do grau de confiança entre os participantes e educadores e do amadurecimento do trabalho. O fator confiança é fundamental, principalmente para o trabalho com surdos, pois a visão é sua base de comunicação com o mundo. Deve-se explicar a dinâmica no início e combinar um sinal de toque para o término. Para concluir, a orientação deve ser para a respiração profunda, o espreguiçar, mexer o corpo bem devagar e levantar suavemente para não perder o estado de relaxamento.

Com o corpo e mente harmonizada, o grupo está mais aberto e sensível para a realização da **atividade/tema**.

O tema da aula já pode estar sendo trabalhado em todas as dinâmicas, mas neste momento ocorre o estudo teórico ou prático do que se quer discutir. Por exemplo: se o conteúdo da aula é composição, leitura de imagem, formação de imagem etc., esses elementos podem ser citados desde a roda, sendo associados aos movimentos, ritmos, expressão, jogos e imagens. Nesse momento, será feito o aprofundamento desses temas.

Na roda final, são realizadas as partilhas, nas quais cada participante ouve, expressa e aprende mais sobre si com as comparações e relações entre o grupo. Esse momento também é muito importante para o educador ter um retorno de suas intenções, objetivos e do ritmo de cada um, possibilitando um novo planejamento, se necessário.

Uma tabela pode ser utilizada para organizar melhor o plano de aulas. Esses planos devem ser flexíveis e constantemente verificados através de avaliações e planejamentos durante o curso.

Na página ao lado, temos um exemplo de tabela de plano de aulas.

No DVD FotoLibras há alguns exemplos dessas dinâmicas na prática!



AULA N.º 3	DATA: / /	CARGA HORÁRIA: 3h
OBJETIVO Estimular o olhar fotográfico e a percepção dos sentimentos que as imagens podem transmitir.		
CONTEÚDO O estímulo do olhar e os sentimentos na fotografia.		
ATIVIDADE	METODOLOGIA	TEMPO
Roda inicial	<i>Fazer a roda inicial. O educador lê uma frase referente ao tema que será trabalhado.</i>	5 min
Dinâmica de alongamento a partir de foto	<i>Utilizar fotos com pessoas em posições variadas para que todos repitam a imagem (forma de alongamento).</i>	10 min
Aquecimento – Pega pega abraço	<i>Um aluno é escolhido como ‘pegador’. Os outros devem se abraçar em pares, trios ou grupos de quatro. Se o ‘pegador’ tocar em algum aluno que não esteja abraçado, este torna-se o ‘pegador’ e segue a dinâmica.</i>	5 min
Relaxamento	<i>Convidar todos a sentar numa roda, peça para cada um pensar numa imagem, convide-os a deitar e respirar fundo e continuar pensando na imagem, com olhos fechados.</i>	15 min
Dinâmica para trabalhar o olhar utilizando o quadro	<i>Utilizar o quadro de composição em dupla: um por vez irá enquadrar a posição que o outro fizer. Com o quadro, sair da sala e “fazer uma foto”. Voltar e desenhar. Discutir com o grupo.</i>	Em dupla: 15 min Fora de sala: 50 min
Intervalo	—	10 min
Dinâmica com as fotos trazidas de casa (sentimento)	<i>Com as fotos trazidas de casa, iremos falar sobre sentimentos na fotografia.</i>	60 min
Roda de encerramento	<i>Fazer roda de despedida e avaliação. Cada um faz um sinal que resuma o seu sentimento em relação à aula.</i>	10 min
MATERIAL		
<ul style="list-style-type: none"> • Fotos para alongamento; • Fotos dos alunos (trazidas de casa – álbum de família, revista etc); • Moldura /cartão; • Lápis de cor, guache, hidrocor etc. 		



METODOLOGIAS E EDUCAÇÃO COM SURDOS

“Como professor crítico, sou um “aventureiro” responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente. Nada do que experimentei em minha atividade docente deve necessariamente repetir-se.”

Paulo Freire, *Pedagogia da Autonomia*, p. 50

A COMUNICAÇÃO ENTRE ALUNOS SURDOS E EDUCADORES OUVINTES

Ter educadores fluentes em Libras (surdos ou ouvintes) elimina uma série de ruídos de comunicação que podem vir a surgir. Mas, se este não for o caso, é preciso contratar intérpretes, condição inerente a qualquer atividade bilíngue, pois nem sempre é possível encontrar um profissional com experiência na área específica que seja fluente na língua desejada.

Mesmo com a presença do intérprete, é importante que o educador tente se comunicar o máximo possível com os alunos, como uma forma de se aproximar deles. Isso ajuda a quebrar barreiras entre educador e aluno. Sugerimos que todas as pessoas envolvidas no projeto façam um curso de Libras antes e/ou durante o projeto.

TRABALHANDO COM INTÉRPRETES

Alguns cuidados são necessários para garantir a boa comunicação em sala de aula quando trabalhamos com intérpretes, principalmente no que diz respeito à forma como eles irão se posicionar em relação ao grupo e ao educador.



O intérprete precisa estar em um local que fique visível para todos os surdos e também deve ficar ao lado da pessoa que está falando, para que os alunos possam identificar facilmente quem é que está falando.

Uma boa maneira de organizar a turma é colocar as pessoas numa roda, de forma que todos possam se ver. Quando o grupo for dividido em pequenos sub-grupos para realizar alguma atividade, é necessário que o educador e o intérprete fiquem atentos a qualquer sinalização de um surdo que esteja com dúvidas.

É preferível uma interpretação profissional, com alguém que domine muito bem a língua de sinais. O intérprete é uma pessoa a mais que vai mediar a comunicação. Se essa mediação for feita sem o devido envolvimento do profissional com a elaboração dos objetivos e conteúdos do curso, será muito mais difícil repassar as informações em sala de aula, especialmente quando forem introduzidos termos e processos técnicos da fotografia, os quais também são desconhecidos para o intérprete.

É preciso ficar atento ao fato de que a velocidade e a maneira pessoal do educador podem ser afetadas pela interpretação. Toques de subjetividade ou individualidade podem se perder. Entonações e sutilezas podem perder

a conexão com o contexto. Para evitar isso, o educador deve tentar se comunicar diretamente com os alunos a fim de que eles conheçam aos poucos sua individualidade.

Outra questão importante diz respeito à ética. O intérprete não deve tomar partido, nem interpretar questões que não dizem respeito a um dos lados da conversa. Também não deve interferir em assuntos pessoais, nem exercer influências políticas ou religiosas.

As associações de surdos e/ou a Feneis podem fornecer mais informações sobre intérpretes.



É necessário um revezamento entre os intérpretes, pois a interpretação é um exercício muito cansativo!

SINAIS TÉCNICOS EM LIBRAS

A fotografia utiliza uma linguagem apropriada, que envolve vários termos técnicos. Para facilitar a comunicação entre educador e intérprete, intérprete e surdo e surdo e educador, deve-se estimular os surdos a pesquisarem sinais em Libras para estes termos. Caso os sinais não existam, novos sinais podem ser criados. Fizemos isso durante o primeiro curso do FotoLibras ([ver Glossário](#)).

Alguns dos sinais, juntamente com seus respectivos desenhos, foram colocados em uma apostila à medida que os conteúdos eram introduzidos; e os sinais, criados. Ao final do curso, foi criado um glossário português/Libras ([ver Glossário](#)). Nossa indicação é que o glossário seja utilizado desde o planejamento do curso, para que toda a equipe possa se familiarizar com os termos e sinais que serão utilizados durante todo o percurso do curso ou oficina*.

USO DE RECURSOS VISUAIS

* Alertamos para o fato de que os sinais do glossário não devem ser tomados como sinais oficiais de Libras. Caso algum grupo desenvolva ou conheça outros sinais, ficaremos contentes de incluí-los em nosso glossário online, disponível em www.fotolibras.org.

Os recursos visuais, ou seja, desenhos, fotos, vídeos, etc. são fundamentais para falar dos elementos essenciais da fotografia (linguagem e técnica). Por exemplo: quando o tema for profundidade de campo, é interessante mostrar uma fotografia que tenha foco (desde o primeiro ao último plano da imagem) e o desenho da abertura da lente. A utilização de recursos visuais é eficaz não só para a fotografia, mas para qualquer outro tema que se queira trabalhar com um grupo de surdos. Data show, livros, fotos impressas, desenhos e vídeos são alguns exemplos de recursos úteis.

USO DE DINÂMICAS NA AULA

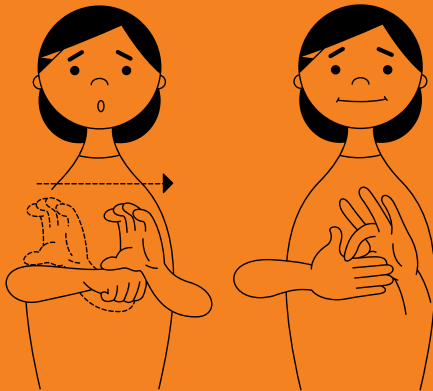
Em todas as nossas atividades, seja no trabalho, em casa, no lazer, nós colhemos frutos melhores se estamos em um ambiente confortável, de confiança, em que todos se sintam relaxados, sem preocupações. Ninguém faz um bom trabalho quando está preocupado com algum problema “externo”; teremos resultados muito melhores se criarmos um ambiente favorável às ações que pretendemos desenvolver. O uso de algumas dinâmicas ou jogos pode ajudar na criação deste ambiente positivo e também ajuda a fortalecer o grupo.

O educador é quem poderá identificar a pertinência ou não do uso desse tipo de ferramenta. Jogos, brincadeiras, atividades físicas ou simplesmente uma mudança na rotina pode ser muito proveitoso para quebrar o gelo, fortalecer o sentimento de equipe, esquecer temporariamente alguns problemas que possam atrapalhar o aprendizado (sem criar uma atitude irresponsável, claro) e estimular a criatividade e a autoconfiança.

Não existem regras fechadas quanto a isso. O segredo é focar nos objetivos e identificar ou adaptar atividades que ajudem a alcançá-los. Este Guia traz alguns exemplos, mas cada um também pode criar suas próprias dinâmicas e atividades.

No Anexo 2, há uma lista de dinâmicas que podem ser realizadas em sala de aula.





CURSO NA PRÁTICA

Nesta parte do Guia, apresentamos algumas ideias sobre como introduzir e desenvolver as temáticas centrais de um curso de fotografia participativa. Ela está dividida em cinco passos gerais, que podem ser misturados e não precisam ser seguidos nesta ordem.

- PASSO I Iniciando o curso
- PASSO II Despertando o olhar
- PASSO III Fotografia na prática
- PASSO IV Aprofundando o conhecimento sobre a fotografia
- PASSO V Discussões temáticas e questões transversais

PASSO I: INICIANDO O CURSO

No primeiro contato do educador com a turma, é importante criar, logo de início, um ambiente de confiança, transparência e abertura. Para isso, sugerimos três ações:

1. Apresentação geral de todos os participantes

Essa apresentação deve ser breve, porém permitindo que o grupo se conheça. Pode-se usar a metodologia da Roda, explicada anteriormente (*ver página 85*). É também um bom momento para levantar as expectativas do grupo em relação ao curso.

A seguir, sugerimos duas atividades para apresentar e aproximar o grupo:

ABRAÇO DE MINHOCA

Objetivo *Aproximar o grupo e cumprimentar todo mundo.*

Tempo *05 minutos.*

Número de pessoas *Mínimo de 05 pessoas.*

Como fazer *Alunos e equipe devem fazer uma roda. O educador dá um abraço de cumprimento e de boas-vindas em cada pessoa da roda, um por um, começando com a pessoa de seu lado esquerdo e seguindo no sentido horário. A pessoa de seu lado direito vai segui-lo, abraçando as pessoas que estiverem à sua esquerda etc. Deve-se continuar até abraçar todo mundo, voltando à posição inicial na roda.*



TEIA

Objetivo *Permitir que os participantes se apresentem, criando vínculos entre eles e possibilitando seu entendimento enquanto grupo. Excelente para dar noções básicas sobre a propagação da luz (ingrediente básico da fotografia), criar as ligações internas do grupo e introduzir um acordo de convivência.*

Tempo *20-30 minutos.*

Número de pessoas *Mínimo de 05 pessoas.*

Como fazer *Todos devem ser organizados em uma grande roda. O educador deve segurar a ponta de um novelo de barbante e apresentar-se, falando seu nome e seu sinal – caso trabalhe com surdos - e outras informações consideradas importantes. Essas informações devem ser combinadas de acordo com o perfil do grupo. Não deve ser uma apresentação muito demorada, para não tornar a atividade cansativa. Depois, o educador deve segurar uma ponta do barbante e jogar o novelo para o participante que estiver à sua frente. Essa pessoa faz sua apresentação, joga para outro e assim por diante. Ao final, teremos uma grande teia interligando os participantes. Neste momento, o educador deve conversar um pouco sobre o caminho feito pela linha, que é semelhante à forma como a luz atravessa um ambiente e se propaga. A teia deve ser explorada como parte da criação da equipe, do grupo que irá trabalhar junto ao longo do curso ou oficina. É preciso reforçar que todos estão ligados uns aos outros. Depois, o novelo deve ser novamente enrolado. A pessoa que estiver com o novelo na mão deve desejar um sentimento positivo ao amigo para o qual está passando o barbante. Ao final, teremos um novelo novamente formado por cada um do grupo, envolvendo vários sentimentos positivos. O novelo passa a ser um símbolo dessa união e desses desejos que deverão acompanhar as atividades. Este é um bom momento para introduzir a importância de um acordo de convivência para que os objetivos do curso sejam alcançados num ambiente de respeito e união.*

Material *Novelo de barbante.*

2. Definição dos objetivos do projeto

É muito importante verificar, já de início, os objetivos do curso/oficina com o grupo, para que os participantes entendam porque estão ali e até aonde eles vão chegar durante o curso. As pessoas tendem a valorizar mais a relação com um projeto se elas percebem a seriedade e o comprometimento no processo. A idéia é aproximar os participantes dos objetivos do projeto e ouvir sugestões para redefinir e/ou adicionar objetivos. Essa construção coletiva com os participantes vai gerar um sentimento de confiança, igualdade e compromisso.

DEFINIÇÃO DE OBJETIVOS

Objetivo *Verificar os objetivos do projeto e reformulá-los, se for necessário.*

Tempo *1 hora.*

Número de pessoas *Mínimo de 02 pessoas.*

Como fazer *Existem várias formas de fazer esse exercício. Já que ninguém se conhece ainda, é bom fazer com todos juntos. Pode-se começar perguntando ao grupo por que eles acham que estão ali e por que a fotografia é importante. As respostas devem ser escritas num papel grande. Caso o grupo não tenha um nível suficiente de português, o educador deve anotar o que foi dito para, posteriormente, recapitular junto ao grupo. Deve-se discutir com os alunos as razões pelas quais eles estão ali. Ao final, é preciso explicar quais objetivos do projeto o grupo discutiu. Os objetivos que não foram discutidos, caso existam, devem ser explicados para o grupo.*

3. Estabelecimento de um acordo de convivência

É preciso estabelecer uma lista de regras através de sugestões trazidas não só pelos educadores, mas principalmente pelos alunos. Seremos um grupo trabalhando junto por um período. Assim, será necessário respeitar os limites dos outros, entender e valorizar as diferenças. Devem ser colocadas questões como pontualidade, assiduidade, limpeza, organização, compromisso, colaboração e trabalho em grupo, cuidado com o espaço e materiais, respeito

às diferenças e uso de celular. O mais importante de tudo é se divertir e trabalhar junto para aumentar o conhecimento individual e coletivo. Um acordo de convivência que surja do próprio grupo, logo no primeiro contato, elimina uma série de problemas futuros. Ele deve ser colocado na sala de aula, para que seja lembrado pelo grupo durante todo o curso.

PASSO II: DESPERTANDO O OLHAR

O olhar está presente em todo o percurso de um projeto que trabalha com fotografia. É muito importante, então, ter um cuidado especial para tratar a forma como vemos o mundo, as coisas e as pessoas. O olhar é algo muito maior e mais importante do que “simplesmente ver”, é também a consciência de si mesmo! O olhar é complexo e pode ser exercido de muitas maneiras diferentes. É algo muito pessoal, que inclui, no ato de olhar, a experiência de vida e a bagagem cultural de cada indivíduo. A consciência de ‘o quê’ se enxerga pode estar adormecida na maioria das pessoas, principalmente naquelas que tratam a visão como algo comum, cotidiano, corriqueiro e nem se dão conta das várias possibilidades que ela pode proporcionar enquanto forma de expressão e comunicação. Por isso, o segundo passo do curso/oficina deve focar em despertar o olhar de cada um e trabalhar a consciência em si mesmo. Isso pode ser feito através do estímulo de outros sentidos, para trabalhar o entendimento de que o olhar não é sinônimo de visão. Quando anulamos a visão e passamos a trabalhar os sentimentos, podemos tirar várias lições: a importância dos outros sentidos para a percepção do mundo, a ampliação da sensibilidade e a possibilidade de enxergarmos sem ver. É interessante experimentar alguns exercícios com os olhos vendados. Podemos despertar o olhar também através de outros exercícios: reflexões e debates sobre imagens e seu papel na sociedade e na vida de cada indivíduo, a criação de imagens diferentes etc.

PASSEIO VENDADO

Objetivo *Trabalhar os sentidos, o olhar além dos olhos e a confiança.*

Tempo *1 hora (depende muito do número de pessoas).*

Número de pessoas *Mínimo de duas pessoas.*

Como Fazer *Todos os alunos de olhos vendados, em fila, vão sendo guiados pelo educador. Cada aluno deve segurar no ombro do que está à sua frente. O educador conduz essa fila pelo espaço onde acontece a aula, fazendo muitas voltas e curvas, desviando dos obstáculos. Deve-se começar com um passeio mais fácil e torná-lo mais complexo aos poucos, entrando em outras salas, subindo e descendo degraus. Se possível, o passeio deve ser levado até uma área externa (jardim, rua, calçada). Depois que os alunos se familiarizarem com o exercício, é preciso alternar o guia, para que todos tenham sua experiência nesta função. A venda do primeiro da fila deve ser tirada, para que ele passe a conduzir o grupo, sem que os outros percebam essa mudança. O guia deve ser alternado até que todos tenham passado por esta posição. Uma variação desta dinâmica pode ser feita em duplas, na qual um aluno fica vendado e o outro serve de guia. Assim, estimulamos a confiança e o sentimento de cuidado.*

Materiais *Vendas.*

Observações *Ninguém pode se machucar nesses exercícios. Tudo deve ser feito com muito cuidado e pensando na segurança e conforto de todos. Os espaços onde a atividade será feita devem ser escolhidos previamente. É preciso dar uma atenção especial às turmas compostas por surdos, pois eles perdem sua principal ligação com o mundo, que é a visão, assim como a comunicação e as referências do entorno (os ouvintes podem perceber melhor o que ocorre a sua volta através dos sons). Deve-se ter cuidado e observar atentamente como cada aluno encara esta atividade.*

SENSAÇÕES

Objetivo *Estimular os sentidos do tato, paladar e olfato.*

Tempo *1 hora.*

Número de pessoas *Mínimo de duas pessoas.*

Como Fazer *Todos devem estar deitados no chão, formando uma roda, na qual as cabeças estão no centro e os pés na “periferia”. Os olhos devem ser vendados e todos precisam estar muito relaxados. O educador deve colocar objetos de texturas e formas diferentes (mole, áspero, pequeno) nas mãos dos alunos, estimular os pés deles com cócegas, colocar sabores diferentes (doce, azedo, amargo, salgado) na boca, provocar cheiros inusitados. O objetivo é que os alunos se entreguem nesta viagem sensitiva. Embora seja importante trazer alguns contrastes (como cócegas ou sabor azedo), estamos trabalhando também a confiança, portanto não podemos brincar com coisas que poderiam causar desconforto ou quebra de confiança (por exemplo, algo que suje a pessoa ou sua roupa). É bom alternar os vários sentidos de uma maneira ágil, para que todos sempre estejam passando por algum estímulo diferente. Sementes, folhas de temperos (alecrim, por exemplo, tem uma textura diferente e um cheiro bem característico), esponjas e pedras podem ser utilizados.*

Materiais *Objetos e comidas que estimulem os três sentidos: olfato, paladar e tato.*

Observações *Também temos que ter cuidado para não usar produtos que possam causar riscos. Nos sabores, deve-se dar preferência a porções bem pequenas (pedaço pequeno de chocolate, gotas de suco), pois os alunos estarão deitados e podem engasgar com porções maiores.*



PASSO III: FOTOGRAFIA NA PRÁTICA

A imagem e a câmera fotográfica

Hoje, a fotografia está em todo lugar e é difícil que alguém nunca tenha tido nenhum contato com esta linguagem. O que muda é o nível de contato que cada um tem ou teve. Se o educador não tem conhecimento sobre o quanto a turma está familiarizada com o assunto, o melhor é estabelecer alguns exercícios que tragam essa informação. Estimular cada um a falar sobre imagens é um caminho. Pode-se pedir que eles lembrem (ou tragam) fotos e que as comentem. Também se deve fazer uso de revistas, livros ou álbuns de família. Algumas perguntas podem ser feitas para direcionar a discussão:

- *Como vocês percebem o uso de imagens na sociedade na qual vocês vivem?*
- *A fotografia faz parte do seu dia a dia ou é algo distante?*
- *Será que a fotografia está cercada por um ritual especial ou é algo corriqueiro?*

O interesse do grupo deve surgir à medida que se percebe a infinidade de possibilidades que a fotografia traz enquanto linguagem. Quebrar alguns entendimentos por meio dos exemplos dos outros alunos (ou mesmo das pesquisas em revistas e livros) abre um novo e instigante horizonte e gera uma certa curiosidade em relação aos processos, elementos e equipamentos da fotografia.

As câmeras utilizadas no curso podem variar de uma lata até modelos digitais de última geração, assim como também podem ser feitas com uma caixa de fósforo. No início, é aconselhável utilizar apenas um tipo de câmera. Depois, deve-se apresentar outras técnicas e câmeras disponíveis e convidar fotógrafos com outros conhecimentos para conversar e introduzir novas técnicas para o grupo.

As aulas devem incluir noções básicas sobre as câmeras: identificando suas partes e componentes; aprendendo a manusear; cuidados necessários contra sujeira e água; cuidados com o filme; uso de pilhas etc. Mostrar aos alunos os manuais das câmeras pode ser uma boa maneira de estimular a leitura, mas não deve ser algo obrigatório. O grupo deve se familiarizar com as câmeras de forma conjunta, tirando dúvidas uns com os outros.

Formação da imagem

Conhecer como a imagem se forma no interior da câmera é um exercício que ajuda muito no entendimento dos princípios da fotografia, além de ser divertido. A caixa mágica é uma oportunidade para abordar a história da fotografia, seus princípios e precursores. É uma atividade que geralmente envolve bastante os alunos e desperta a curiosidade. Quando a caixa estiver pronta, o grupo deve ir para um espaço externo e observar o que está em volta deles.

CAIXA MÁGICA

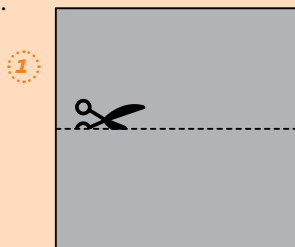
Trata-se de uma câmara escura com um visor interno que nos permite entender os princípios básicos de formação da imagem e encontrar o foco ideal.

Materiais

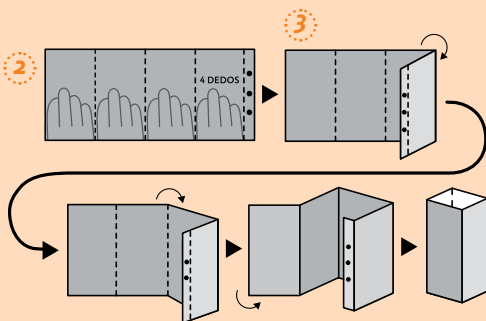
Papel guache preto, cartolina preta, papel vegetal, tesoura, fita dupla face ou cola, fita crepe, régua, lupa e lápis.

Como fazer

1 Pegar papel guache e cortar em dois.

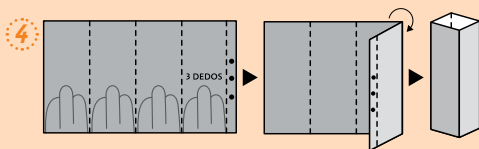


2 Para o tubo exterior: pegar uma parte do papel e traçar, com quatro dedos de largura, uma linha. Depois dividir o papel em quatro partes de mesma largura (quatro dedos).

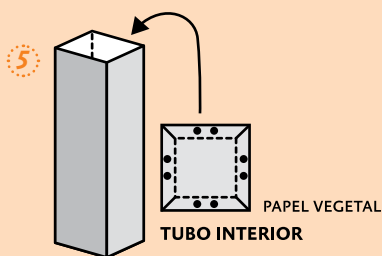


3 Dobrar o papel conforme as marcas que foram feitas para formar uma caixa, com o lado preto para dentro. Segurar com fita dupla face ou cola.

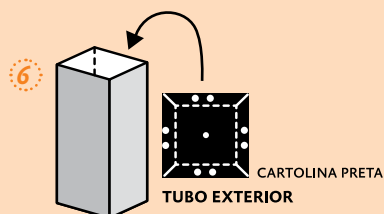
4 Para o tubo interior: da mesma forma do tubo exterior só que com medidas de 3 dedos na primeira faixa.



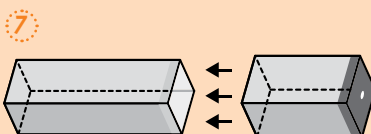
- 5 Fazer uma tampa com o papel vegetal no tubo interior. Segurar com fita dupla face ou cola.



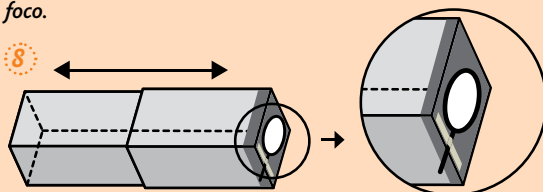
- 6 Fazer uma tampa com cartolina no tubo exterior. Fazer um furo centralizado na tampa de cartolina. Segurar com fita dupla face ou cola.



- 7 A seguir, encaixar a menor (com tampa de fundo em papel vegetal) dentro da maior, como uma gaveta. Verificar o movimento de vai e vem do sistema de encaixe (que tem a função do foco, afastando e aproximando a imagem). Não deixar folgas entre as caixas para assim evitar a entrada de luz.



- 8 Colar uma lupa acima do furo, no tubo exterior, usando fita crepe. Neste ponto já podemos testá-lo. Basta procurar um lugar com uma cena bem iluminada pelo sol. Pelo visor deveremos enxergar a imagem invertida projetada sob o papel vegetal. Às vezes, demora um pouco até que possamos vê a imagem com clareza. O nosso olho precisa de um tempo para se acostumar na escuridão. Aos poucos, a imagem vai chegando e já podemos vê-la. Movimentando a parte externa do visor iremos perceber a imagem nítida ou sem foco.



Composição e enquadramento

Na fotografia, a composição é a escolha dos elementos que irão fazer parte da imagem e a forma como é mostrado o que está dentro do quadro, definindo luz, planos, ângulo, foco e enquadramento. Já o enquadramento consiste em decidir qual será o corte ou a seleção da imagem que será registrada. O recorte promovido pelo enquadramento é um dos princípios básicos da fotografia. Exemplo: vou enquadrar umas pessoas andando de bicicleta, mas na composição da foto quero que tenha movimento, que não fique congelado no quadro, escolhendo ainda quais elementos ficarão no fundo: árvores, céu, pessoas etc.

CÂMERA CRACHÁ OU MOLDURA

Objetivo *Exercitar a noção de enquadramento e composição. O objetivo aqui é “colocar” ou “tirar” elementos da imagem e mudar a sua posição em relação ao que se pretende enquadrar. Ajuda muito no entendimento da fotografia e no treinamento do olhar, além de poder ser usado para a leitura da imagem e também para enquadrar elementos que estarão na composição de uma foto, exercitando a imaginação sobre como seria se a foto fosse enquadrada de uma forma diferente, o que não foi incluído na foto, etc.*

Tempo *Pode ser feito na aula ou as pessoas podem levar para casa.*

Número de pessoas *Mínimo de uma pessoa.*

Como fazer *Os alunos devem recortar um cartão com o formato retangular, semelhante ao visor de uma câmera e, no seu centro, deixar um recorte também retangular de aproximadamente 3 x 4,5 cm. Com a moldura pronta, os alunos devem observar as pessoas, paisagens e objetos, começando no espaço onde acontece a aula, enquadrando os amigos. Depois, eles podem sair para um passeio em outros ambientes. Vale a pena dedicar um pouco de tempo para esse exercício.*

Materiais *Cartolina, tesoura.*



Leitura da imagem

Embora o mundo esteja inundado de imagens, é comum ter uma relação superficial com elas. Muitas vezes, nem nos damos conta da mensagem que essas imagens nos passam. Quem trabalha com fotografia, produzindo-a, analisando-a ou ensinando, precisa exercitar a leitura da imagem, conhecendo suas possibilidades e os sentidos que ela traz ou pode trazer. Esse aprendizado se dá com a análise de imagens, discussões e estudo. São muitos os pesquisadores e teóricos que estudam os sentidos e as potencialidades da imagem. Dependendo do público a ser atingido, não é preciso se aprofundar demais em filosofia, mas é necessário exercitar essa “alfabetização visual”, trazendo conceitos básicos, discutindo as mensagens que cada foto traz. Os alunos devem ser estimulados a conversar sobre fotografia, sobretudo através de perguntas sobre suas intenções quando fizeram uma determinada foto e de discussões sobre as interpretações possíveis a partir de uma mesma imagem. Isso é um exercício muito rico para estimular a expressão subjetiva e a análise crítica.

Análise das fotos

Nas primeiras experiências com a fotografia, surgirão muitos erros. Discuti-los de maneira não crítica nem depreciativa ajuda muito na evolução dos alunos. Esta é uma oportunidade para introduzir os conceitos sobre que é preciso para fazer uma boa fotografia. As fotos dos alunos podem ser utilizadas como exemplos. Eles devem ser questionados sobre o que acham de suas próprias fotos, como estímulo para fazer uma autoanálise. Dedos na frente da lente, cenas muito escuras ou muito claras, falta de foco ou objetos muito distantes são alguns dos erros frequentes. É importante que a turma encare esse exercício de crítica como algo construtivo. Brincadeiras sempre acontecerão, mas é importante não deixar que alguém se sinta intimidado ou constrangido com os resultados negativos.

EU SINTO...

Objetivo *Estimular a leitura subjetiva das imagens.*

Tempo *30-60 minutos.*

Número de pessoas *Mínimo de 03 pessoas.*

Como fazer *A turma deve ser dividida em grupos. Cada grupo recebe uma foto e etiquetas coloridas. O grupo escolhe uma palavra para definir aquela foto (focando a emoção ou outro tema) e a escreve na etiqueta, que deve ser afixada no verso da foto. A foto, então, é passada para o grupo do lado, sem que ninguém veja o que foi escrito pelo vizinho. Repete-se a discussão sobre a nova foto, colando a etiqueta no verso e passando para o grupo do lado, e sucessivamente até que todos tenham visto e etiquetado todas as fotos. É bom evitar a repetição de palavras, para que os grupos procurem expressões diferentes do que já foi escrito. Depois, cada grupo vai à frente da sala falar sobre as etiquetas da foto que está com ele no momento. É importante que sejam fotos bem diversas entre si, para despertar sentimentos diferentes e aquecer o debate. Destacamos que o trabalho em pequenos grupos possibilita maior integração, troca de experiência e de olhares sobre um determinado tema.*

Materiais *Fotos impressas no tamanho 10x15cm, etiquetas, canetas.*

Os trabalhos de outros fotógrafos podem ser introduzidos para a turma a fim de enriquecer as discussões sobre composição, iluminação, foco, velocidade, primeiro plano, fundo. Discutir os vários usos da fotografia também pode contribuir com esse entendimento. Por exemplo, uma imagem de esportes ou de ação pode facilitar a compreensão sobre o controle da velocidade do disparador da câmera. Da mesma forma, exemplos retirados da imprensa (ou de outro espaço com o qual os participantes estejam familiarizados) ajudam na diferenciação entre luz artificial e luz natural ou uso de cores.



DICAS IMPORTANTES!

- Estimular o envolvimento das famílias dos surdos. Incentivar os alunos a mostrarem as fotos para os familiares;
- Elaborar e utilizar materiais didáticos acessíveis. Adaptar os materiais de acordo com as necessidades do grupo;
- Estimular os alunos a ler e interpretar as imagens e a refletir sobre o que as imagens comunicam sobre o mundo ao seu redor;
- Discutir não apenas o trabalho que os indivíduos estão produzindo, mas também o trabalho de outros fotógrafos;
- Explorar diversas formas de mostrar fotos e perguntar ao grupo qual delas funciona melhor para eles. Por exemplo: projeções, uso de livros e revistas, em grupos pequenos e com todo o grupo;
- Começar a tirar fotos assim que possível;
- Tentar garantir que cada indivíduo tenha sua própria câmera para levar para casa;
- Não entregar novos filmes antes de receber e analisar o filme anterior;
- Elaborar um sistema adequado para arquivar os negativos, fotos impressas e DVDs de fotos;
- Estimular o aprendizado de aluno para aluno através de trabalhos em grupos pequenos, designando tarefas que envolvam pesquisar sobre fotografia e fotógrafos, além de ir fotografar em conjunto.

PASSO IV: APROFUNDANDO O CONHECIMENTO SOBRE A FOTOGRAFIA

Visitas a exposições de fotografia em museus e galerias

Conhecer o trabalho de outros fotógrafos e artistas é um caminho a ser seguido. Este contato com outras formas de utilizar a linguagem fotográfica ajuda o aluno a criar uma bagagem cultural que será útil não só no desenvolvimento de sua fotografia como no seu crescimento enquanto cidadão. É interessante que o educador combine visitas a exposições e incentive que esse tipo de passeio faça parte do cotidiano dos alunos. Este universo pode ser novo para alguns grupos e o acompanhamento do educador servirá para criar possibilidades, sendo uma ótima oportunidade para abordar alguns assuntos tratados em sala, como técnicas, criatividade e formas de apresentação. Os alunos devem ser estimulados a também fazer esse tipo de passeio em outras ocasiões: sozinhos, com amigos ou com a família. Criar o hábito de frequentar exposições e outros eventos culturais traz grandes benefícios não só para o aprendizado da fotografia, mas também para a socialização e ampliação de horizontes pessoais e possibilidades profissionais.

Incentivo à pesquisa sobre fotografia (linguagem e técnica)

Nós aprendemos muito quando precisamos ensinar a alguém ou apresentar o resultado de nossas pesquisas. Por isso, é preciso que os alunos sejam estimulados a pesquisar sobre assuntos específicos para, posteriormente, apresentá-los em sala. Os temas dos trabalhos podem ser desde questões técnicas até pesquisas sobre fotógrafos reconhecidos.

Fazer a divisão dos assuntos de uma maneira participativa, na qual todos possam sugerir questões não só para o próprio trabalho, mas também para os demais grupos, traz uma dinâmica interessante e maior motivação. É necessário, entretanto, que o educador direcione os assuntos e os formatos para os objetivos desejados. Por exemplo, ao tratar do trabalho de fotógrafos, é importante que sejam autores que tragam bons elementos para os temas abordados na sala ou que tragam uma diversidade de experiências. Os alunos podem organizar uma apresentação para o restante da turma. É comum haver resistência a esse tipo de metodologia por questões de timidez ou insegurança. Se isto ocorrer, o educador deve mostrar que o objetivo da atividade é permitir que cada um conheça um pouco mais sobre determinado assunto por meio da troca de ideias e do compartilhamento das pesquisas.



Esse trabalho também ajuda muito na construção da confiança e na preparação para situações que envolvem público, além de ser eficiente na apropriação de conceitos. No FotoLibras, devido à dificuldade de leitura e à pouca experiência em realizar este tipo de trabalho, foi comum uma certa resistência a tal formato de apresentação. No entanto, depois de alguns meses, alunos que eram extremamente tímidos no início estavam enfrentando apresentações públicas, com plateias variadas de surdos e ouvintes, com grande fluidez e segurança.

Fotógrafos convidados

Estimular a busca por conhecimento acerca do universo fotográfico a partir de pessoas que desenvolvem trabalhos específicos em fotografia é importante para ampliar a visão do grupo sobre o tema. É importante que as pessoas convidadas levem fotografias, livros e DVDs para mostrar ensaios ou portfólios (resumo do trabalho). Esses momentos também servem para aumentar o entendimento dos alunos sobre o que é um ensaio fotográfico.

Ensaio fotográficos

A melhor forma de adquirir experiência e desenvolver o próprio trabalho é 'aprender fazendo'. Após algumas aulas práticas, os alunos começam a pensar em temas para desenvolver ensaios fotográficos. É nesses ensaios que eles irão expressar sua forma de olhar e ver o mundo, sua criatividade e seus modos de contar uma história através de fotografias. Antes de eles começarem a desenvolver seus ensaios, é importante que vejam exemplos de outros ensaios, para que eles realmente possam compreender seu significado, pois não basta explicar apenas teoricamente. Outra dica é utilizar, no início, a expressão 'tema das fotos', no lugar de 'ensaio fotográfico', até que eles possam se familiarizar com o conceito. É preciso destinar um bom tempo (no mínimo, 30% da carga horária) do cronograma para fazer a análise das fotos produzidas pelos alunos, considerando o tema que está sendo desenvolvido, as questões técnicas e a criatividade. É importante destacar que cada aluno precisa se esforçar para seguir uma sequência determinada durante a produção do ensaio fotográfico. Por exemplo: receber filme, fotografar, revelar, analisar as fotos e receber filme novamente. Assim, o tempo será bem utilizado para alcançar bons resultados e haverá mais possibilidades de realizar uma exposição dos melhores ensaios e fotografias.

PASSO V: DISCUSSÕES TEMÁTICAS E QUESTÕES TRANSVERSAIS

É comum que, ao longo de uma experiência educacional, principalmente as que envolvam um tempo maior de convívio, surjam discussões temáticas e temas transversais. São assuntos que perpassam o programa do curso, mas não são necessariamente seu objetivo direto. Podem ser questões cujo interesse parta dos alunos, tópicos diretamente relacionados ao ambiente em que eles vivem, situações específicas ou mesmo assuntos cuja abordagem pode trazer um entendimento melhor do entorno.

Desenho de atividades paralelas

Uma forma de trabalhar questões transversais é realizar algumas atividades que estimulem outras capacidades, identificadas como importantes para o desenvolvimento do grupo. Por exemplo, pode-se introduzir a tarefa de fazer apresentações sobre fotógrafos conhecidos, para estimular a leitura e a pesquisa com livros e revistas ou na internet.

Realização de discussões temáticas

Uma forma participativa de introduzir discussões temáticas é estimular os próprios alunos a identificarem assuntos que eles gostariam de abordar durante o curso. Após a identificação dessas temáticas, pode-se planejar, em conjunto, uma discussão mais profunda sobre cada uma delas ou convidar um palestrante para conversar com o grupo. No FotoLibras, sugeriram várias ideias e foram realizadas duas palestras: uma sobre identidade surda (com dois palestrantes surdos, Patrícia Cardoso e Robson Luiz da Feneis) e uma sobre o direito à comunicação (com um palestrante ouvinte – Ivan Moraes Filho do Centro Cultural Luiz Freire e um palestrante surdo – Antonio Cardoso da Feneis).

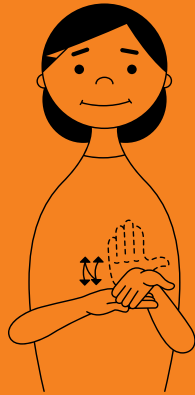
O educador deve identificar e se planejar para incluir alguns desses temas ao longo do curso. É importante que esses assuntos sejam tratados com segurança e atenção. É preferível o adiamento de determinadas questões para que haja tempo para a maturação do grupo a tratá-las com superficialidade ou mesmo sem que lhes seja dada a devida atenção. Ao mesmo tempo, é muito importante responder à realidade do grupo. Desafiar é bom, mas não pode ser a qualquer custo. Se o nível de alfabetização do grupo é muito baixo, é melhor fortalecer a comunicação e expressão através da Libras e

das próprias imagens e experiências do curso, e evitar uso de português escrito, pois pode alienar o grupo e gerar um impacto negativo na autoestima dos alunos.

Ampliando o olhar e o interesse em outras áreas

É importante despertar o olhar e o interesse do grupo em outras áreas ligadas à fotografia, ao consumo cultural e ao ativismo político. Através de visitas a galerias, pinacotecas, cinemas e mostras de documentários, os participantes vão ter acesso a um novo mundo. Essas visitas também podem se transformar em um vetor de transformação na política pública, pois cria uma pressão para que os conteúdos audiovisuais sejam legendados e para que haja intérpretes em eventos e espaços culturais. Pode-se também estimular os alunos a participarem em espaços públicos de debate político, conselhos, comissões, congressos e fóruns. Assim, o projeto fortalece as próprias pautas do movimento político e cultural dos surdos, além de criar possibilidades de empoderamento para os participantes.





MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO NA SALA DE AULA

Na parte 2 do Guia, discutimos por que *monitoramento e avaliação* é importante e o papel da coordenação nesse processo.

Há várias ferramentas disponíveis para monitorar e avaliar um curso/oficina. Cada uma tem suas vantagens e depende do grupo e dos objetivos a serem atingidos. O ideal é usar mais de uma ferramenta, para poder dar diversas oportunidades para os participantes se expressarem e se colocarem. Por exemplo, ter momentos para as pessoas poderem fazer comentários anônimos e também outros de discussão em grupo. É importante refletir sobre quais são as ferramentas adequadas, de acordo com o perfil de cada grupo.

Além de monitorar os objetivos do projeto, é importante acompanhá-lo e avaliá-lo de forma mais ampla. Isso pode ser feito por meio das seguintes perguntas:

- O curso está funcionando?
- O que não está funcionando?
- O curso está sendo prazeroso?
- O que não está sendo prazeroso?
- O que deveríamos fazer diferente?
- Qual o impacto (mudança) mais importante para você?

Essas perguntas podem ser feitas em momentos específicos do monitoramento e das avaliações (reuniões, encontros ou filmagens etc) ou no dia a dia. O mais importante é conversar com os participantes, não apenas nos momentos marcados para avaliação (no final da aula, no meio e final do curso), mas

de uma forma contínua e aberta e deixar claro que críticas são bem-vindas, tentando garantir espaços e oportunidades para que todos se expressem.

É muito importante o recolhimento de informações de base sobre o grupo (expectativas, nível de conhecimento e experiência com a fotografia etc.) antes de começar o curso, pois estas informações serão utilizadas para monitorar o progresso e crescimento dos participantes.

Um acompanhamento/monitoramento desde o início do curso é imprescindível para avaliar o desenvolvimento do entendimento do grupo e as dificuldades apresentadas, a fim de que o educador possa analisar e melhorar, se possível, sua metodologia, escolha de equipamentos etc., elevando a satisfação dos participantes.

Realizar uma avaliação no final do projeto é importante para refletir sobre a experiência adquirida, verificar quais objetivos foram atingidos, os impactos gerados na vida das pessoas envolvidas e os aprimoramentos a serem feitos no futuro.

É possível servir-se de vários instrumentos de monitoramento e avaliação na sala de aula. Algumas ferramentas são:

- Uso de vídeo para registrar depoimentos de alunos no início, meio e final do curso, lembrando de usar as informações recolhidas no início para monitorar o progresso;
- Realização de rodas de avaliação com os alunos ao final de cada aula, para que as perguntas sejam respondidas através de gestos ou em Libras: “O que eu aprendi?”; “Como eu aprendi?”; “Como me senti?”;
- Realização de oficinas de avaliação no meio e no final do curso. Pode-se dividir o grupo em pequenos subgrupos para responder a perguntas sobre o que eles estão gostando ou não do curso. Depois, cada grupo apresenta para o grupo maior. O educador deve guiar a discussão, fazer perguntas-chave, mas deixar os alunos discutirem livremente em grupos menores;
- Observação das aulas pelos educadores;
- Uso de cartaz e/ou filme para registrar os comentários;
- Convite aos alunos mais comunicativos para conduzir uma avaliação do curso;
- Criação de uma linha de tempo na qual os alunos identificam os momentos mais significativos do curso. Estimulá-los a reconstruir a viagem que fizeram em suas próprias palavras – pode ser com desenho em vez de texto, ou com gestos.

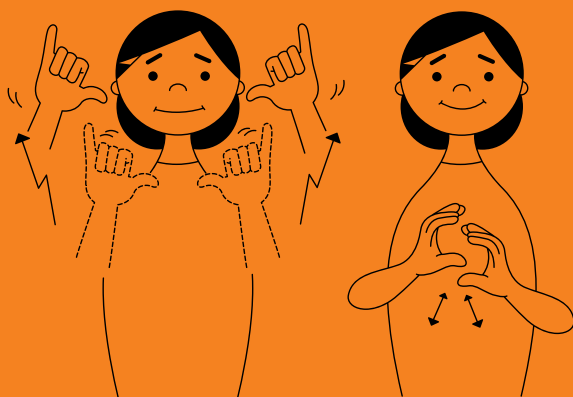
- Aplicação de questionários (se o nível de português é suficiente) sobre aspectos técnicos do projeto para avaliar compreensão técnica e/ou elementos mais qualitativos.
- Convite aos participantes para usar suas fotografias para descrever para o grupo e/ou educador o progresso e envolvimento com o curso.
- Utilização de ferramentas quantitativas como atas, hora de chegada de participantes, número de visitas a outros locais e saídas fotográficas.
- O educador deve fazer um relatório sobre o progresso do curso, que pode ser semanal ou mensal, dependendo da frequência das aulas. O formato pode ser formal ou livre.

MONITORAMENTO EM VÍDEO

O FotoLibras optou por fazer o monitoramento através da gravação de entrevistas em vídeo com os participantes, para que eles pudessem se expressar, na sua própria língua, sobre o andamento do projeto e sobre o impacto gerado em suas vidas. A filmagem pode ser feita com uma câmera fotográfica simples, utilizando um computador para baixar as imagens. É importante elaborar bem as perguntas que vão orientar os depoimentos. O ideal é que essas perguntas sejam debatidas junto com o grupo, no início do curso, para que todos entendam e concordem com essa ferramenta de monitoramento. Os educadores e coordenadores podem rever esses vídeos para verificar se existe algo que precisa ser modificado. Além disso, trechos desses vídeos podem ser utilizados para divulgar o projeto para outros surdos, através do blog do projeto.



- *Coleta de informações sobre os participantes através de vídeo-entrevistas com os mesmos, antes do começar o curso.*
- *Avaliações parciais e finais, permitindo que o grupo discuta o projeto junto.*
- *Observação contínua do progresso e envolvimento do grupo.*



DIVULGAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Comunicação e divulgação são elementos fundamentais da maioria dos projetos, pois referem-se às ações que darão visibilidade ao trabalho e às fotografias dos participantes.

Blogs

Assim que os participantes começarem a produzir fotos, é interessante que elas sejam divulgadas. Uma forma gratuita de fazer isso é criar um blog (www.blogger.com, www.wordpress.com). Os próprios alunos podem criar o seu, postando fotos, notícias e novidades. Também pode-se criar um blog do projeto. Outros bons espaços para divulgação são sites de redes sociais, como Orkut e Facebook. Através da internet, inúmeras pessoas e grupos se conhecem e se relacionam, estabelecendo vínculos entre eles e redes de comunicação e informação. É preciso fazer uso dessa ferramenta para divulgar e dar visibilidade ao trabalho desenvolvido.

Boletins Informativos

Outra ferramenta a ser explorada são os boletins informativos, criados com o objetivo de informar familiares, amigos, financiadores, apoiadores e interessados sobre as atividades do projeto. O boletim deve ser feito em português e em língua de sinais. Os alunos podem ser estimulados a fazerem, eles

mesmos, o boletim. Pode ser apenas um boletim no percurso do curso ou um por semana ou por mês, de acordo com a empolgação e o tempo do grupo. O boletim em Libras, filmado, pode apresentar também as fotos dos alunos. Pessoas ouvintes da equipe podem transcrever o conteúdo para português e divulgar entre ouvintes envolvidos e/ou interessados no projeto.

Varais Fotográficos

Varais fotográficos, nos quais fotos são penduradas em uma corda com pregadores, lembrando varais de estender roupas, também são muito úteis para expor os trabalhos. Os varais podem ser levados para vários locais: escolas, parques, praças, igrejas, faculdades, galerias, restaurantes etc. As fotos podem ser ampliadas em qualquer tamanho e coladas em cartolina ou papelão. É bom fazer contato com galerias e outros fotógrafos para saber quem teria interesse em receber uma exposição de seu grupo. Essas exposições são momentos muito importantes de aproximação entre surdos e ouvintes e servem também para promover a autoestima dos alunos.

Vídeos

Uma maneira legal de divulgar o trabalho é a realização de vídeos institucionais que servem como uma forte ferramenta de divulgação, pois quando estamos defendendo propostas em algum edital ou para alguma instituição, os argumentos geralmente ficam na esfera teórica, e o vídeo contribui para mostrar como as coisas acontecem na prática. Além do mais, é uma oportunidade para os surdos do projeto (coordenadores e alunos) se comunicarem em sua primeira língua.





MULTIPLICADORES


“À medida que fui aprendendo a fotografar, consegui ajudar outros surdos, o que foi muito interessante, ajudou muito na minha vida. Ser um multiplicador, poder ensinar outras pessoas foi uma experiência muito boa. Meu sonho é ter mais tempo para agir como um multiplicador. Não quero passar o conhecimento de uma forma fria, mas quero ensinar de forma que os outros consigam entender completamente. Da mesma maneira que antes eu não sabia e consegui aprender, eu também quero ensinar outras pessoas e ver o desenvolvimento delas.”

João Manoel da Silva, aluno do FotoLibras

Trabalhar para estimular o surgimento de multiplicadores é um dos principais objetivos do FotoLibras. No início do projeto, não havia nenhum fotógrafo surdo (ou ouvinte com conhecimento de Libras) em Recife. Assim, reconhecemos o papel importante que o projeto teve em estimular uma primeira geração de fotógrafos e fotoeducadores surdos que poderiam futuramente implementar o ensino de surdo para surdos na área fotográfica (ou de surdos para grupos mistos de ouvintes e surdos).

Ao mesmo tempo, através da formação de multiplicadores, desenvolve-se a capacidade organizacional das pessoas a fim de que elas possam se organizar em torno de prioridades e preocupações decididas por elas mesmas. Os participantes analisam e questionam as realidades e refletem sobre estratégias de mudança, desmitificando o conhecimento e criam suas próprias consciências, reflexões.

O ‘multiplicador’ ganhou uma importância ainda maior para os jovens, pois representou uma posição de responsabilidade da qual eles sentiam muito orgulho. O papel ultrapassava a ideia de ser educador em algum curso ou oficina ou de ser um fotógrafo em formação. Ser multiplicador criou oportunidades para eles atuarem como protagonistas políticos em espaços públicos de debate dominados por ouvintes (galerias, exposições, debates, congresso, conselhos). O senso de responsabilidade e orgulho, aliado à visibilidade dada ao grupo de multiplicadores, foi um dos resultados mais importantes do projeto.



Formar multiplicadores pode ser também uma ação fundamental para a continuidade de um projeto. Ter jovens preparados para transmitir os conhecimentos adquiridos contribui com a manutenção da filosofia construída desde o início. Tais jovens poderão até mesmo desenvolver essas atividades em outros projetos ou em ações pensadas por eles próprios.

Depois do final do curso FotoLibras, surgiu um grupo de alunos interessados em continuar o projeto. Com eles, trabalhamos vários temas, como 'O que é ser um multiplicador', 'Por que ser multiplicador', 'Que é necessário para ser um multiplicador', entre outros. Os encontros de multiplicadores nos ajudaram a perceber as responsabilidades e possibilidades que esta nova fase estava trazendo para os participantes. Dois dos multiplicadores passaram a ser coordenadores do FotoLibras, participando ativamente da construção deste Guia. Em outros momentos, alguns dos multiplicadores ministraram oficinas para instituições que nos procuraram. Também, aconteceu de recebermos convites para palestrar em eventos de fotografia e de assuntos relacionados aos surdos. O grupo de multiplicadores também participou da formação do novo curso do FotoLibras implementada em 2009.

Seguem abaixo alguns pontos que consideramos importantes para reflexão sobre o que é ser um multiplicador e que foram elaborados pelos próprios multiplicadores do FotoLibras. São apenas algumas indicações, pois acreditamos que cada projeto tem seu perfil e autonomia.

- *Ter uma postura séria e comprometida;*
- *Agir com ética;*
- *Conhecer bem os assuntos que serão abordados;*
- *Ser organizado(a) e disciplinado(a);*
- *Ser educado(a)/cordial;*
- *Ouvir as opiniões/ não ser autoritário;*
- *Ter contato com o grupo;*
- *Ser comunicativo(a);*
- *Dividir seu conhecimento e querer aprender com os outros;*
- *Procurar entender as questões, dificuldades e idiossincrasias da turma;*
- *Ser colaborador(a) e prestativo(a);*
- *Estar disposto(a) a aprender e estudar;*
- *Ser responsável;*
- *Ser criativo(a);*
- *Ser cuidadoso(a) e interessado(a);*
- *Ser incentivador(a), estimulando os alunos/ participantes;*
- *Ter boas relações com os participantes;*
- *Trabalhar em parceria, reconhecendo a necessidade de unir forças para alcançar melhores resultados.*



- *Garantir que haja elementos no curso que incentivem os participantes a se tornarem agentes multiplicadores a fim de dar continuidade às atividades do projeto.*
- *Garantir que os participantes sintam-se parte integrante do projeto, entendam que o curso não pertence aos coordenadores/facilitadores.*
- *Estimular os multiplicadores a continuar fotografando!*



ENCERRAMENTO E CONTINUIDADE

Encerramento

As conquistas devem ser comemoradas! Esses pequenos rituais melhoram a autoestima e valorizam os caminhos percorridos. É preciso organizar, junto ao grupo, uma forma de marcar a conclusão do curso. Isso deve variar de acordo com a duração da experiência, a disponibilidade de recursos, tamanho da turma etc. Mas, independente desses fatores, é importante criar um momento de socialização, de comemoração. Sugerimos que seja feita uma exposição, com a presença dos amigos e familiares dos participantes, a ser realizada no próprio local onde aconteceram as aulas ou num outro espaço.

Não se deve esquecer de produzir certificados com o número de horas do cursos e as matérias realizadas. Isso é muito importante para mostrar aos familiares, às escolas e a futuros empregadores.

Continuidade

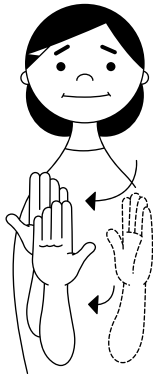
A sustentabilidade de um projeto refere-se às estratégias implementadas para garantir a continuação do mesmo, no formato planejado ou de alguma outra forma. O mais importante é que os próprios alunos tomem a frente nessas atividades, para que o futuro do projeto continue a responder a suas necessidades e desejos. Não é necessário que todos os projetos continuem, mas, se os participantes se mostram interessados em continuar, pode-se pensar em implementar uma ou mais das ações a seguir.

Dicas para garantir continuidade

- *Montar um grupo de estudos ou de multiplicadores, que se encontrem com regularidade, para conversar sobre o projeto e novas ideias;*
- *Organizar visitas a exposições e eventos;*
- *Marcar momentos para fazer análises de fotos em conjunto;*
- *Garantir que todos os participantes tenham acesso aos equipamentos do curso depois do final do curso/projeto;*
- *Incluir, no cronograma, um módulo sobre continuação e multiplicação do projeto para que educadores e participantes pensem e planejem as atividades de continuação;*
- *Incluir um módulo sobre ‘como ser um multiplicador’ do projeto;*
- *Realizar um treinamento sobre como formatar projetos e apoiar a elaboração de novas ideias que venham a surgir;*
- *Realizar varais fotográficos e debates em lugares diferentes para divulgar o projeto, suas fotos e resultados;*
- *Continuar atualizando o blog do projeto;*
- *Explorar possibilidades de parcerias com outras entidades, grupos não-governamentais e governamentais e/ou indivíduos;*
- *Pesquisar possibilidades para comercializar o trabalho para geração de renda e/ou investimento em outras atividades: venda de fotos, trabalhos como assistente de fotógrafos profissionais;*
- *Pesquisar fontes de financiamento – editais, fundos e instituições (ver captação de recursos);*
- *Criar uma rede de pessoas e grupos interessados no projeto – profissionais e não profissionais. É importante enviar informações regulares a essas pessoas sobre as atividades do projeto.*

BOA SORTE COM SEU PROJETO!

Equipe FotoLibras, 2009.



ANEXOS



MAIS RECURSOS PARA ELABORAR PROJETOS

CRONOGRAMA DE ELABORAÇÃO DE PROJETOS

- 1 Ideia inicial
- 2 Contato com organizações de surdos e/ou profissionais de fotografia para trocar ideias e elaborar a proposta.
- 3 Estabelecimento de um grupo de trabalho (surdos, fotógrafos, pessoas com habilidades de elaborar projetos, profissionais com experiência de trabalho com surdos, etc.).
- 4 Reuniões para elaborar uma proposta e discutir:
 - Objetivos – por que queremos fazer este projeto?*
 - Quem vai ser beneficiado?*
 - Onde vamos realizar o projeto?*
 - Quais vão ser os impactos e resultados?*
 - Como podemos financiar?*
 - Como vamos monitorar os resultados?*
- 5 Finalização da proposta (escrita em português e em língua de sinais).
- 6 Pesquisa de possíveis financiadores e estabelecimento de contato com pessoas e instituições que queiram estabelecer parcerias com o projeto.
- 7 Continuar as reuniões para discutir a proposta e trocar novas ideias.
- 8 Divulgação da ideia do projeto.
- 9 Quando tiver recursos para começar, elaboração de um plano de trabalho para implementação das atividades.

TERMINOLOGIA PARA PROJETOS – ROTEIRO DE FORMATAÇÃO

Título

Nome do projeto

Público-alvo

Para quem o curso será desenvolvido? A quem a fotografia será ensinada e por quê? Ex.: alunos na escola, um grupo na comunidade, a família, um grupo de amigos, um grupo de professores etc .

Objetivo geral

Por que o grupo gostaria de realiza um determinado projeto e/ou o que pretende-se atingir? O objetivo geral é o foco mais amplo do projeto, por exemplo: aumentar a visibilidade da comunidade surda; comunicar com fotografia; dar acesso a uma atividade criativa para a comunidade surda.

Objetivos específicos

Quais são os objetivos específicos, que juntos contribuem para alcançar o objetivo geral? Objetivos específicos (às vezes, referidos como ‘metas’) podem ser atingidos em vários momentos ou só no final. Ex: Se o objetivo geral for aumentar a visibilidade da comunidade surda, um objetivo específico pode ser aumentar a divulgação de eventos de surdos na imprensa local, pois isso vai contribuir para aumentar a visibilidade da comunidade surda. Outro pode ser divulgar as fotos dos participantes de cursos e oficinas.

Local

Onde o curso será realizado? Em qual cidade, prédio, sala etc.? Serão realizadas saídas práticas? Para onde?

Justificativa

Por que este grupo e local foram escolhidos?



Objetivo – é o que se espera melhorar, aumentar, fortalecer e/ou mudar com a implementação do projeto.



Deve explicar o PORQUÊ da escolha de determinado(s) objetivo(s), grupo e local. Por que este grupo e não outro? A equipe tem acesso a este grupo de pessoas? Eles já mostraram interesse em fazer um curso de fotografia? Eles nunca tiveram a oportunidade antes? Isso é a JUSTIFICATIVA do projeto.

Resultados (concretos e esperados)

Quais são os impactos esperados com o desenvolvimento do curso?

O que é que se espera que os participantes aprendam. Eles vão poder fazer o que no final do curso? Também, que impacto o curso terá para os indivíduos e para outros? Ex: Espera-se que os participantes tenham uma experiência usando uma câmera profissional; que eles saibam como uma imagem é formada; que os alunos se sintam seguros para tirar fotos; que a comunidade surda tenha mais visibilidade na sociedade etc.

Atividades

As atividades que acontecem no percurso do projeto devem contribuir com os objetivos específicos e com o objetivo geral do projeto.

Por exemplo: exposição de fotografia, curso de fotografia, oficina de fotografia, reuniões semanais.

Implementação/Estratégia de ação

Descrição do processo de implementação do curso (conteúdo). Cronograma de atividades (por dia ou por hora) e quem será responsável por cada atividade/etapa. Qual será a metodologia adotada?

Coordenação e pessoas envolvidas

Quem vai coordenar o projeto? Quem vai ministrar as oficinas? Será apenas uma pessoa ou várias? Será preciso contratar um intérprete? Por que essas pessoas foram escolhidas. Ex.: Pessoas com experiência no ensino da fotografia; pessoas com experiência no ensino de surdos; pessoas em experiência em captação de recursos etc. É preciso fazer uma lista!

Monitoramento e avaliação

Como o curso será monitorado? Ou, se for apenas um dia, como será feita a avaliação ao final do dia: através de formulário ou de entrevistas?

Divulgação e visibilidade

Como será dada a visibilidade ao curso para atrair pessoas e divulgar os resultados? Cartaz, flyer, internet? Quais são as contrapartidas que podem ser oferecidas para patrocinadores e/ou apoiadores?

Orçamento

Aqui, deve-se descrever o que será preciso comprar e quem precisa pagar pelo projeto – mesmo se algum item foi obtido através doação/apoio, é preciso colocá-lo na lista e descrever que ele foi conseguido através de um apoio ou doação. Quais serão os materiais necessários para o desenvolvimento do curso/projeto? Ex: Câmeras, filme, canetas, papel guache, tesoura, pilhas etc.

OBJETIVOS DO FOTOLIBRAS

OBJETIVO GERAL	<ul style="list-style-type: none">• <i>Aumentar a criatividade, a autoestima e a visibilidade de jovens surdos por meio da criação de imagens fotográficas;</i>
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	<ul style="list-style-type: none">• <i>Estimular os participantes a serem protagonistas e comunicadores sociais;</i>• <i>Estimular a expressão e a autoestima de jovens surdos;</i>• <i>Aumentar a visibilidade da comunidade surda;</i>• <i>Aumentar o número de ações na área de fotografia participativa com surdos e do uso da fotografia como ferramenta de inclusão da comunidade surda no Brasil;</i>• <i>Facilitar a comunicação e integração dos participantes com suas famílias;</i>• <i>Divulgar o trabalho fotográfico dos jovens a fim de aumentar a autoestima deles e dar visibilidade à cultura e aos direitos da comunidade surda;</i>
RESULTADOS ESPERADOS	<ul style="list-style-type: none">• <i>Surgimento de jovens protagonistas e comunicadores sociais;</i>• <i>Maior envolvimento da comunidade surda em eventos culturais e na produção de bens culturais;</i>• <i>Aumento na expressão, na autoestima e no desenvolvimento do olhar de jovens surdos vinculados às ações do projeto;</i>• <i>Maior visibilidade da comunidade surda e redução do estigma em relação às pessoas surdas;</i>• <i>Aumento no número de ações na área de fotografia participativa com surdos e do uso da fotografia como ferramenta de inclusão da comunidade surda no Brasil;</i>• <i>Melhora na comunicação e integração dos participantes em suas famílias;</i>
RESULTADOS CONCRETOS	<ul style="list-style-type: none">• <i>Realização de um curso básico e de um curso avançado de fotografia participativa com jovens surdos;</i>• <i>Elaboração de ensaios fotográficos sobre temáticas pertinentes às vidas dos alunos;</i>• <i>Realização de treinamento para novos multiplicadores do projeto FotoLibras e fortalecimento do grupo atual de multiplicadores;</i>• <i>Realização de oficinas de fotografia participativa com jovens surdos e educadores no interior de Pernambuco;</i>• <i>Realização de uma exposição - valar fotográfico - para circular e expor em diversos locais, no Recife e no interior do estado.</i>

JUSTIFICATIVA DA PROPOSTA PARA REALIZAR O GUIA FOTOLIBRAS

PARÁGRAFO 1: Inovação e ineditismo do FotoLibras

O FotoLibras é um projeto inovador e inédito no Brasil. Enquanto existem inúmeras atividades na área de fotografia participativa, não há nenhuma ação sistematizada dirigida à comunidade surda. A realização do projeto FotoLibras em 2007 criou uma oportunidade única de sistematizar e divulgar o processo de elaborar e implementar projetos de fotografia participativa para surdos.

PARÁGRAFO 2: Qualificação da equipe e capacidade de realizar objetivos

O projeto contou com o envolvimento de três fotógrafos muito conceituados em Recife. A Feneis é uma Federação Nacional com contato com associações e entidades que trabalham com surdos no Brasil inteiro, dando uma maior possibilidade de divulgação do projeto em escala nacional, atingindo um número significativo de pessoas que trabalham com surdos.

PARÁGRAFO 3: O impacto que o projeto vai ter na sociedade e no público-alvo (democratizar o acesso, aumentar visibilidade etc)

O projeto é uma iniciativa de democratização, pois o objetivo dele é divulgar a possibilidade de multiplicar uma ação que já foi feita e que está trazendo resultados surpreendentes. Serão criados e divulgados materiais de apoio, utilizando uma metodologia participativa e também serão incluídos discursos sobre metodologia. Os produtos estarão disponíveis em suporte eletrônico e impresso, aumentando sua abrangência e dando à comunidade surda, aos multiplicadores do projeto, aos educadores e aos agentes culturais comunitários acesso à documentação para realizar novos projetos e possibilitar a expansão e inovação de metodologias educativas para surdos. O projeto proporcionará também uma oportunidade única de aumentar a visibilidade da cultura surda e o uso da fotografia como ferramenta nos processos de desenvolvimento sociocultural e de inclusão.

PARÁGRAFO 4: Situação socioeconômica e cultural do público-alvo. Por que o grupo precisa do projeto? Quais são as dificuldades que este grupo enfrenta?

Embora os seus direitos estejam assegurados na Constituição Federal, a comunidade surda é sistematicamente excluída e há poucas iniciativas gover-

namentais ou não governamentais dirigidas a este público. A presença de intérpretes em espaços públicos e privados é insuficiente e, muitas vezes, estes profissionais são mal capacitados. Também há uma ausência grave de professores surdos capacitados para o ensino especial para surdos. Esta situação frustra as possibilidades de desenvolvimento de pessoas surdas e resulta num ciclo vicioso de exclusão e pobreza. A maioria dos surdos não são alfabetizados em português e muitos nem sabem Libras formalmente.

PARÁGRAFO 5: Dados sobre o grupo: tamanho, renda, escolaridade etc.

Conforme o censo de 2000, 14,9% da população brasileira são portadoras de deficiência. Desse grupo, 16,7% possuem uma deficiência auditiva, com um número maior de surdos nas regiões mais pobres devido às ligações entre a deficiência e o índice de pobreza. No estado de Pernambuco, há em torno de 329.845 surdos e, no Recife, cerca de 40.158 surdos.

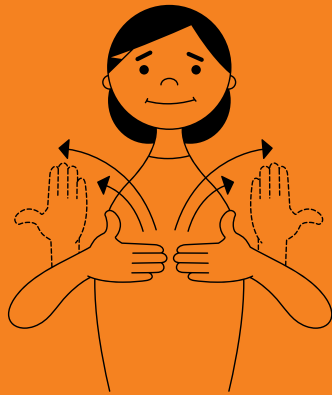


PARÁGRAFO 6: Questões de abordagem. Qual é a abordagem do projeto, como serão resolvidas as dificuldades abordadas no parágrafo 4?

O assunto central para a comunidade surda é o direito à comunicação. Estimular canais de expressão que proporcionem possibilidades de surgimento de protagonistas e que valorizem a diversidade cultural é fundamental para garantir a comunicação para todos. Para isso, são necessárias abordagens educacionais diferenciadas, que respondam aos contextos e realidades diversas. Iniciativas de comunicação participativa oferecem possibilidades inovadoras para complementar o sistema formal de educação, aumentando as possibilidades de aprendizagem e o desenvolvimento pessoal, dando oportunidades para promover a 'voz' de grupos marginalizados, capacitando-os para documentar e divulgar suas idéias, críticas, culturas e visões do mundo. Estas oportunidades educativas complementares tornam-se ainda mais importantes quando tratamos de grupos que são excluídos do sistema educativo formal por ineficiência do mesmo.

PARÁGRAFO 7: Conclusão: resumir a importância do projeto e o impacto previsto.

A comunidade surda tem uma cultura diferenciada e sua forma de se comunicar, de ver o mundo e de realizar manifestações culturais é, muitas vezes, distinta da realidade dos ouvintes. Essa cultura é sistematicamente escondida, quando, na verdade, deveria ser valorizada como parte integrante da cultura brasileira. Viabilizar projetos de fotografia participativa com surdos possibilita consolidar uma construção social e educacional em que eles passam a participar na elaboração do próprio discurso cultural. A fotografia é também um canal a ser explorado na integração entre a comunidade surda e ouvinte.



MAIS DINÂMICAS

TIRAR OS SAPATOS E LAVAR O ROSTO

Objetivo *Criar um momento especial, diferente, marcando o início das atividades e trazendo mais conforto.*

Tempo *05 minutos.*

Número de pessoas *Adequado para grupos de todo tamanho.*

Como fazer *Deve ser feito quando o grupo vier de outras atividades, por exemplo, quando os alunos passaram o dia inteiro na escola ou no trabalho. Cada um deve lavar o rosto e os braços, com lenços úmidos ou com o auxílio de uma pia e uma toalha, deixando a sujeira da rua e o cansaço do dia naquele lenço/toalha. Os participantes devem aproveitar a sensação de conforto revitalizante! Após esse momento, todos estarão prontos para começar uma nova atividade!*

Materiais *Lenços úmidos (existem opções descartáveis facilmente encontradas em supermercados) ou uma pia e toalhas.*

BALÃO DE FESTA

Objetivo *Apresentar ao grupo uma das características da fotografia: por mais que estejam todos no mesmo ambiente, cada um tem uma visão diferente de determinado objeto. Cada fotógrafo vê um ângulo diferente, tem uma visão pessoal do mundo.*

Tempo 30 minutos.

Número de ressoas *Mínimo de 03 pessoas.*

Como fazer *Os alunos devem formar uma roda. Em um balão grande, semelhante aos usados para quebra-panela, cada um deve fazer um desenho, com um pincel atômico, de modo que, no final, todas as faces do balão tenham desenhos diferentes. O balão deve ser colocado no centro da roda e uma pessoa de cada vez diz que desenho está vendo e fala um pouco de si.*

Materiais *Balão grande, pincéis atômicos.*

PEGA-PEGA DE ABRAÇO

Objetivo *Quebrar o gelo, aproximar as pessoas e esquentar o grupo. Um bom exercício para ser feito no começo da manhã!*

Tempo 20 minutos.

Número de ressoas *Mínimo de 05 pessoas.*

Como fazer *Em roda, o grupo deve se juntar e uma pessoa vai ser o “pegador”. Ela deve contar de 1 até 3 enquanto os outros correm para abraçar alguém do grupo (duas, três ou mais pessoas podem se juntar em um mesmo abraço). Se o “pegador” tocar em alguém que não está abraçado, essa pessoa se torna o “pegador” e continua a dinâmica.*

Materiais *Pessoas e abraços!*

ORDENAR

Objetivo *Movimentar a turma e despertar para as atividades que vão ser desenvolvidas e tomar consciência dos outros.*

Tempo *15 minutos.*

Número de pessoas *Mínimo de 03 pessoas.*

Como fazer *Com todos os alunos misturados na sala, o educador deve pedir que todos se organizem numa linha por ordem de idade. Depois, por tamanho, nome etc. É bom que haja muita agilidade e rapidez, pois a graça da brincadeira está aí. OBS: Ver se o grupo pode inventar suas próprias dinâmicas. Convidá-los a liderar as dinâmicas de grupo.*

Materiais *Pessoas!*

ALONGAMENTO EM GRUPO

Objetivo *Despertar o corpo e a cabeça para as atividades que irão começar e ajudar a conhecer os outros.*

Tempo *15 minutos.*

Número de pessoas *Mínimo de duas pessoas.*

Como fazer *Numa roda, cada um deve sugerir um exercício que deverá ser seguido pelos demais. Todos sugerem e todos se exercitam. A mesma dinâmica pode ser executada em pares, como se houvesse um espelho entre os dois e cada um copiasse o ritmo e a necessidade corporal do outro.*

Materiais *Corpos para alongar!*



PASSEIO VENDADO

Objetivo *Explorar os sentidos, as percepções e os sentimentos.*

Tempo *Uma hora.*

Número de pessoas *Mínimo de 03 pessoas.*

Como fazer *Aqui as possibilidades são muitas. Os olhos dos participantes devem ser vendados com pedaços de pano preto. O educador deve trabalhar movimentos, guiando os alunos por passeios na sala ou nas imediações. Os alunos devem formar uma fila e o educador fica como guia, posição que deve ser alternada para que os alunos também tenham a experiência de guiar os amigos. Isso dá uma noção de responsabilidade (não pode deixar ninguém se machucar!). Outra opção é deixar todos parados e explorar os sentidos do tato ou do olfato (paladar também pode). Trabalhando com jovens surdos, será necessário combinar direitinho as regras antes de tapar os olhos, pois não haverá como dar comandos sem a visão.*

Materiais *Vendas.*

PISAR NO PÉ

Objetivo *Aumentar a disposição dos alunos para as atividades que serão propostas na aula e para aproximar o grupo.*

Tempo *10 minutos.*

Número de pessoas *Mínimo 05 pessoas.*

Como fazer *Abraçadas numa roda, as pessoas devem tentar pisar nos pés umas das outras, procurando não deixar seu pé ser pisado, saltitando.*

Materiais *Pessoas e pés!*



CONTATOS

PROJETOS QUE TRABALHAM COM FOTOGRAFIA

Alfabetização Visual

São Paulo – SP

www.alfabetizacaovisual.org.br

joakulcsar@gmail.com

Agência Ensaio

João Pessoa – PB

www.agenciaensaio.blogspot.com

ensaiojb@gmail.com

Fotoativa

Belém – PA

www.fotoativa.blogger.com.br

fotoativa@amazon.com.br

Gema

Recife – PE

gema.recife@gmail.com

Lata Mágica

Porto Alegre – RS
www.latamagica.art.br
latamagica@hotmail.com

Observatório de Favelas do Rio de Janeiro / Projeto Imagens do Povo

Rio de Janeiro – RJ
www.imagensdopovo.org.br/ip
contato@imagensdopovo.org.br

Oi Kabum!

Recife-PE, Salvador - BA, Rio de Janeiro - RJ
www.oifuturo.org.br/oifuturo.htm#/educ_kabum.asp
Oi Kabum! Rio: eliheeren@ig.com.br
Oi Kabum! Salvador: isabel@cipo.org.br
Oi Kabum! Recife: micha@aucuba.org.br

Olhares do Morro

Rio de Janeiro - RJ
www.olharesdomorro.org
vincent@olharesdomorro.org

Outro Olhar

Belo Horizonte - MG
www.flickr.com/photos/outro_olhar
micaes@hotmail.com

PhotoVoice

Londres – Reino Unido
www.photovoice.org
info@photovoice.org

ENTIDADES QUE TRABALHAM COM SURDOS

ASMG - Associação dos Surdos de Minas Gerais

Belo Horizonte - MG

www.asmg.org.br

asmg_bh@yahoo.com.br

Comunidade no Orkut: www.orkut.com/Community.aspx?cmm=5344628

Telefone/Fax: (31) 3335-4827

ASSP - Associação dos Surdos de São Paulo

São Paulo-SP

www.sur10.net/assp

assp.1954@gmail.com

Telefone: (11) 9195 2220 - Beth

Comunidade do Orkut: www.orkut.com/Community.aspx?cmm=35644246%C2%A0

www.orkut.com/Community.aspx?cmm=35644246%C2%A0

Grupos da ASSP: http://br.groups.yahoo.com/group/assp_surdos/

ASG - Associação dos Surdos de Goiânia

Goiânia-GO

www.asgoiania.org.br

asgoiania@asgoiania.org.br / asgoiania@bol.com.br

Telefone: (62) 3202-3134 / (62) 3261-4393 / (62) 3202-2845

Associação de Surdos de Natal

Natal-RN

asnat_98@hotmail.com

Telefone: (84) 201-0140 / (84) 232-1496

Associação dos Surdos do Ceará

Fortaleza-CE

asce.1983@gmail.com

Telefone: (88) 3214-3489 / (85) 3281-8917

ASSARC-Associação dos Surdos de Arcoverde

Arcoverde-PE

assarcpe@bol.com.br

Feneis

Rio de Janeiro-RJ

www.feneis.com.br

feneisrj@feneis.org.br (secretaria)

comunicacaorj@feneis.org.br (setor de comunicação)

Telefone: (21) 2567-4800 / 2567-4880

Fax: (21) 2284-7462

INES

Rio de Janeiro-RJ

www.ines.gov.br/

webmaster@ines.gov.br

Fone: (21) 2285-7284 / 2285-7393 / 2285-7546.

Fax: (21) 2285-7692.

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras/Libras

www.libras.ufsc.br/

libras@ead.ufsc.br

CAPTAÇÃO DE RECURSOS

Informações e apoios

RETS – Revista do Terceiro Setor

Lista de fundações e empresas

www.rits.org.br/gestao_teste/ge_testes/ge_mato1_fundbra.cfm

ABONG – Associação Brasileira de ONCS

www.abong.org.br

Ministério de Cultura

Mecanismos como a Lei Rouanet, Fundo Nacional de Cultura

www.cultura.gov.br

Sistema de incentivo à cultura local ou estadual.

A representação regional do MinC pode fornecer mais informações e enviar boletins informativos sobre editais e prêmios.

Ministério de educação

portal.mec.gov.br

Deve-se entrar em contato com as secretarias de educação da cidade onde o projeto será desenvolvido.

FUNDOS, INSTITUTOS E EMPRESAS PRIVADAS

BNB – Banco do Nordeste

www.bnb.gov.br

Edital uma vez por ano, só para o nordeste do Brasil.

CHESF – Companhia Hidro Elétrica do São Francisco

www.chesf.gov.br/patrocinio_roteiro.shtml

Apenas no nordeste (pode haver uma empresa equivalente em outras regiões).

Fundo Brasil de Direitos Humanos

www.fundodireitoshumanos.org.br

informacoes@fundodireitoshumanos.org.br

Instituto C&A

www.institutocea.org.br

instituto@institutocea.org.br

Instituto HSBC Solidariedade

www.porummundomaisfeliz.org.br

hsbc.solidariedade@hsbc.com.br

Instituto Votorantim

www.institutovotorantim.org.br/Paginas/Home.aspx

contato@institutovotorantim.org.br

Oi futuro

www.oifuturo.org.br

Petrobras – Desenvolvimento & Cidadania Petrobras

www2.petrobras.com.br/minisite/desenvolvimento_cidadania/index.asp

Programa Petrobras Cultural

www.hotsitespetrobras.com.br/ppc/index.html

Unilever

www.unilever.com.br

Link para o Instituto Unilever: www.unilever.com.br/Our_Values/EnvironmentandSociety/instituto_unilever/Default.asp

instituto.unilever@unilever.com

INCENTIVOS PÚBLICOS E FISCAIS

Funarte

www.funarte.gov.br

faleconosco@funarte.gov.br

Fundações de Cultura da Prefeitura

www.recife.pe.gov.br

(Deve-se pesquisar na cidade onde o projeto será desenvolvido).

Fundações Estaduais de Cultura

Fundarpe – PE

www.fundarpe.pe.gov.br

fundarpe@gmail.com

Lei Rouanet – Ministério da Cultura

www.cultura.gov.br/site/2007/09/18/lei-rouanet/

INTERNACIONAL

Abilis

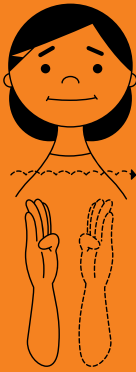
www.abilis.fi
abilis@abilis.fi

Brazil Foundation

www.brazilfoundation.org
nfo@brazilfoundation.org

Fundação Ford

www.fordfound.org
ford-rio@fordfound.org



BIBLIOGRAFIA

FOTOGRAFIA BÁSICA

- ADAMS, Ansel. *A Câmera*. São Paulo: Editora Senac, 2002.
- ADAMS, Ansel. *O Negativo*. São Paulo: Editora Senac, 2002.
- ADAMS, Ansel. *A Cópia*. São Paulo: Editora Senac, 2002.
- BURIAN, Peter K.; CAPUTO, Robert. *National Geographic Fotografia Guia Prático*. São Paulo: Editora Abril, 2001.
- FOLTS, Jame A. *Manual de Fotografia*. São Paulo: Thomson Learning, 2007.
- HEDGECOE, John. *Guia completo de Fotografia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- INGLEDEW, John. *Fotografia*. Barcelona: Blume, 2006.
- NEWHALL, Beaumont. *História de la fotografia*. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.
- RAMALHO, José Antonio. *Escola de Fotografia*. São Paulo: Futura, 2004.
- TRIGO, Thales. *Equipamento Fotográfico*. São Paulo: Editora Senac, 1998.
- ZUANETTI, Rose; REAL, Elizabeth; MARTINS, Nelson. *Fotógrafo: o olhar, a técnica e o trabalho*. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2002.

O PENSAMENTO FOTOGRÁFICO

- BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- BRASSAÏ. *Proust e a Fotografia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- DUBOIS, Philippe. *O Ato Fotográfico e Outros Ensaios*. Campinas: Papirus, 1992.
- HUMBERTO, Luis. *Fotografia, a poética do banal*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.
- KRAUSS, Rosalind. *O Fotográfico*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002.
- SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

UNIVERSO SURDO

- CENTRO SUVAG DE PERNAMBUCO. *Estudos Surdos: Novas Perspectivas*. Recife: Suvag, 2005.
- MENEZES, Denise Costa. *Letramento em Comunidade de Surdos*. Tese de Doutorado – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Programa de Pós-graduação em Letras, 2007.
- SACKS, Oliver W. *Vendo Vozes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SILVA, Marília da Piedade Marinho. *A construção de sentidos na escrita do aluno surdo*. São Paulo: Plexus Editora, 2001.
- SOARES, Maria Aparecida Leite. *A educação do surdo no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1999.
- STROBEL, Karen. *As Imagens do Outro sobre a Cultura Surda*. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

Sites

- FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS:
www.feneis.com.br
- CENTRAL DE RECURSOS PARA SURDOS: www.especial.futuro.usp.br/

FOTOGRAFIA PARTICIPATIVA E PARTICIPAÇÃO

- BLACKMAN, Anna. *The PhotoVoice Manual*. London: PhotoVoice, 2007.
- CALDERON, Adolfo. *Democracia Local e Participação Popular*. São Paulo: Cortez, 2000.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975
- FREIRE, Paulo. *Pedagógica da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- MCCARTHY, Julie; ADRIÃO, Karla. *Projeto Artpad - Um recurso para teatro participativo e desenvolvimento*. Recife: Dialgraf, 1999.
- SOUZA, Maria Luiza de. *Desenvolvimento de Comunidade e Participação*. São Paulo: Cortez, 1997.

Sites

- REDE DA INICIATIVA EM COMUNICAÇÃO: www.comminit.com/es/la
- THE INSTITUTE OF DEVELOPMENT STUDIES: www.ids.ac.uk
- FÓRUM NACIONAL DE PARTICIPAÇÃO POPULAR: www.participacaopopular.org.br
- INSTITUTO PAULO FREIRE: www.paulofreire.org

BRINCADEIRAS E ATIVIDADES PARA SALA AULA

- MCCARTHY, Julie; ADRIÃO, Karla. *Projeto Artpad - Um recurso para teatro participação e desenvolvimento*. Recife: Dialgraf, 1999.
- PORTELA, Ana Paula; GOUVEIA, Taciana. *Idéias e Dinâmicas para trabalhar com Gênero*. Recife: s.o. s. Corpo Gênero e Cidadania, 1999.

ARTE- EDUCAÇÃO

- ALVES, Rubens. *Conversas sobre política*. Campinas: Verus, 2002.
- ANTUNES, Celso. *A criatividade na sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- ARSLAN, Luciana Mourão; IAVELBERG, Rosa. *Ensino de Arte*. São Paulo: Thompson, 2006.
- BARBOSA, Ana Mae (org.) *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2002.
- BARBOSA, Ana Mae (org.) *Arte-educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.
- BARBOSA, Ana Mae (org.) *Arte-educação: leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez, 2005.
- BENDIT, Lawrence; BENDIT, Phoebe. *O corpo etérico do homem: a ponte da consciência*. São Paulo: Pensamento, 1977.
- BOAL, Augusto. *Teatro Legislativo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- CURY, Augusto. *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- HANNAS, Lúcia; PEREIRA, Ieda. *Pedagogia na prática: proposta para uma educação integral*. São Paulo: Gente, 2001.
- JACOBY, Sissa (org.). *A criança e a produção cultural*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.
- LAROSSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- MARTINELLI, Marilu. *Aulas de transformação – o programa de educação e valores humanos*. Uberaba: Fundação Peirópolis, 1996
- MESQUITA, Maria Fernanda. *Valores Humanos na educação: uma nova prática na sala de aula*. São Paulo: Editora Gente, 2003.
- OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 2006.

- PEREIRA, Kátia Helena. Como usar artes visuais na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2007.
- POVO, Marta. *Energia e Arte*. São Paulo: Senac, 2007.
- ROSSI, Maria Augusta Sanches. *Educar para ser*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- SAMPAIO, Dulce Moreira. *A pedagogia do ser: educação dos sentimentos e dos valores humanos*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- WARSCHAUER, Cecilia. *A roda e o registro: uma parceira entre professores, alunos e conhecimento*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- WILLS, Pauline. *O uso de cor no seu dia-a-dia*. São Paulo: Pensamento, 2000.

Copyright © 2008 Grupo Fotolibras & Paes Neves Ltda.

1ª impressão

Este Guia foi composto pelo GRUPO PAÉS, em Absara Sans, tipo criado por Xavier Dupré em 2006 e comercializado pela typefoundry FontFont, e impresso nas oficinas da Gráfica FacForm, em papel offset 120g/m² para o miolo e Duodesign 250g/m² para capa. No Recife, em novembro de 2009.

Distribuição e vendas

PAES NEVES LTDA +55 81 3445 4869 OU GRUPOPAES.COM.BR

S729v

FotoLibras: Guia para a elaboração e implementação de projetos de fotografia participativa com surdos.

Recife: Editora Grupo Paés, 2009.

164 p. Il. Color.

Guia para a elaboração e implementação de projetos de fotografia participativa com surdos.

ISBN 978-85-61952-08-2

1. Fotografia. 2. Fotografia participativa. 3. Libras.
4. Surdos. 5. FotoLibras. 6. Programa Petrobras Cultural. I. Título. II. Autor.

CDD 730.92

Todos os direitos desta edição reservados ao GRUPO FOTOLIBRAS
Avenida Mário Melo, 86, apto. 1604
Santo Amaro, Recife – PE
CEP 50040-010
+55 81 3222 2369
info@fotolibras.org
www.fotolibras.org